



FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO

18

casa  de
PALAVRAS

nelson
cerqueira

a política
do partido
comunista
e a questão
do realismo
em jorge amado

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

antonio
risério

**cores
vivas**

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

haroldo
de campos

o sequestro
do barroco
na formação
da literatura
brasileira:
o caso
gregório de matts

2ª edição

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

maria da conceição
paranhos

adonias filho:
representação
épica
da forma
dramática

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

joão carlos
salles

**o claro e
o obscuro**

Fundação Casa de Jorge Amado

casa  de
PALAVRAS

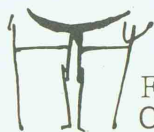
mark j. curran

cuíca
de santo amaro
poeta - repórter
da bahia

Fundação Casa de Jorge Amado

Coleção Casa de Palavras

Pedidos pelo
reembolso postal ou cheque nominal
a Fundação Casa de Jorge Amado



Fundação
Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, ■ Salvador ■ Bahia ■ Brasil
Tel.: 321-0070 ■ CEP 40.025

Quem guarda os caminhos da cidade do Salvador da Bahia é Exu, orixá do mais importante na liturgia do candomblé, orixá do movimento, por muitos confundido com o diabo no sincretismo com a religião católica, pois ele é malicioso e arrelento, não sabe estar quieto, gosta de confusão e de aperreio. Postado nas encruzilhadas de todos os caminhos, escondido na meia-luz da aurora ou do crepúsculo, na barra da manhã, no cair da tarde, no escuro da noite, Exu guarda sua cidade bem-amada. Ai de quem aqui desembarcar com malévolas intenções, com o coração de ódio ou de inveja, ou para aqui se dirigir tangido pela violência ou pelo azedume: o povo dessa cidade é doce e cordial e Exu tranca seus caminhos ao falso e ao perverso.

Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavalheiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por tudo isso sincretizaram-no com o diabo; em verdade ele é apenas o orixá em movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão mas, no fundo, excelente pessoa. De certa maneira é o Não onde só existe o Sim; o Contra em meio do a Favor; o intrépido e o invencível. Toda festa de terreiro começa com o padê de Exu, para que ele não venha causar perturbação. Sua roupa é bela: azul, vermelha e branca e todas as segundas-feiras lhe pertencem.

Jorge Amado

(Textos extraídos do livro "Bahia de Todos os Santos, guia de ruas e mistérios")

EXU Escultura de Tati Moreno

18

novembro/dezembro
ano III

Coordenação Editorial: Claudius Portugal
Conselho Editorial: Myriam Fraga (Presidente)
Antônio Risério, Fernando da Rocha Peres,
Florisvaldo Matos, James Amado,
João Jorge Amado, José Carlos Capinan,
Wilson Lins.
Arte: Humberto Vellame
Montagem: Carlos Jorge
Composição: Studio Domingos
Fotolito e Impresão: Bigraf



Exu é uma publicação bimestral da
Fundação Casa de Jorge Amado
Largo do Pelourinho s/n, Salvador,
Bahia, CEP 40025. Tel.: (071) 321-0070.

Os conceitos emitidos em artigos assinados
são da responsabilidade exclusiva de seus autores.
Os originais não serão devolvidos.
Todos os direitos de reprodução reservados.

Correspondentes: Adalmir da Cunha Miranda,
José Paulo Paes, Ricardo Ramos (São Paulo)
Afrânio Coutinho, Antônio Torres,
Eduardo Portella, Sonia Coutinho,
Fernando Sabino, Mário da Silva Brito,
Rubem Braga, Bella Jozef (Rio de Janeiro),
Paloma Amado Costa (Brasília), Nádia Gotliet
(Minas Gerais), João de Jesus Paes Loureiro
(Pará), Marcus Acioli (Pernambuco),
Sérgio de Castro Pinto (Paraíba), Janaina Amado
(Goiás), Antônio Holthefeldt, Armindo Trevisan,
Danilo Ucha (Rio Grande do Sul),
Haydée Jofre Barroso, José Maria Paolantino
(Argentina), Isabel Allende (Venezuela),
Gustavo Bustamante (Colômbia),
Miguel Bustos Cerecedo (México),
Gregory Rabassa, John Dwyer, Nancy Baden,
Richard O'Connell, Tomas Colchie
(Estados Unidos), Alice Raillard, Francis Combes,
Jean Orecchioni, René Depestre (França),
Dario Puccini, Luciana Stegano Picchio (Itália),
José Carlos de Vasconcelos, Luiz Forjaz-Trigueiros,
Nuno Lima de Carvalho, Francisco Lyon de Castro
(Portugal), Xela Añas (Espanha),
Antônio Olinto (Inglaterra), Theodor Popoff
(Bulgária), Pavla Lidmilová (Tchecoslováquia),
Kostas Assimacopoulos (Grécia), Jorge Kaluguim,
Vera Kuteichicova (URSS), Jorge Alfama
(Cabo Verde), Luandino Vieira (Angola),
Rui Nogar (Moçambique), Osamu Kumasiro (Japão).



Capa: EXU,
de Floriano Teixeira

4
JEHOVÁ DE CARVALHO

6
CARLOS ANÍSIO MELHOR
NIVALDA COSTA
ILDÁZIO TAVARES

8
JOSÉ CARLOS CAPINAN
DUDA MACHADO
JUDITH GROSSMANN

11
DIOGENES SERRA MOURA
GILBERTO GIL

12
FRED SOUZA CASTRO
WALTER QUEIROZ JÚNIOR
JOÃO CARLOS TEIXEIRA GOMES
SILVA DULTRA

15
WALY SALOMÃO
FERNANDO BATINGA DE MENDONÇA

16
ANTONIO RISÉRIO
MARCOS RIBEIRO
CARLOS VERÇOSA

18
IVAN BRANDI
RUY ESPINHEIRA FILHO
IDERVAL MIRANDA
GRAMIRO MATTOS

20
FLORISVALDO MATTOS
FERNANDO DA ROCHA PERES
MYRIAM FRAGA

22
MIRELLA MÁRCIA
LUIZA VIANNA
MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS
MABEL VELLOSO

24
TELMO PADILHA
BRENO DE CASTRO
ROBERVAL PEREYR
LUCIANO PASSOS

26
AYESKA PAULAFREITAS
GERALDO MAIA
HELENA PARENTE CUNHA
ANTÔNIO SHORT

28
JOSÉ CARLOS LIMEIRA
ELIZABETH HAZIM
ERTHOS ALBINO DE SOUZA
SÉRGIO MATTOS

31
ANTÔNIO BRASILEIRO
PANCHO GOMES
LUCIANA BASTIANELLI

32
CYRO DE MATTOS
AFFONSO MANTA
CARLOS CUNHA
VALDELICE PINHEIRO

35
PLÍNIO AGUIAR
LUIZ GALVÃO

36
JONATAS CONCEIÇÃO DA SILVA
MARIA ANTÔNIA RAMOS COUTINHO
ADELMO OLIVEIRA
CID SEIXAS
PAULO GARCEZ DE SENNA

38
ANINHA FRANCO
CAETANO VELOSO
ROBERTO BÉU MACHADO
CLAUDIUS PORTUGAL

40
LUCIANO DINIZ

Poster
Fundação Casa de Jorge Amado



Fundação Casa de Jorge Amado

Presidente:

Germano Tabacof

Diretor Executivo:

Myriam Fraga

Conselho Curador:

Adary Oliveira • Alfredo Machado • Arthur Sampaio • Carlos Fraga
Fernando Almeida • Floriano Teixeira • Germano Tabacof
Hector Júlio Páride Bernabó • James Amado • João Jorge Amado
Joelson Amado • José Júlio de Calasans Neto • Jorge Calmon
Wilson Lins • Zélia Gattai Amado • Paloma Amado Costa.

(Academia de Letras da Bahia) Cláudio Veiga • (Instituto Geográfico e Histórico da Bahia) Thales de Azevedo • (SPHAN — Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) Maria do Socorro Félix Borges e Silva • (Universidade Federal da Bahia) Fernando da Rocha Peres.

Conselho Fiscal:

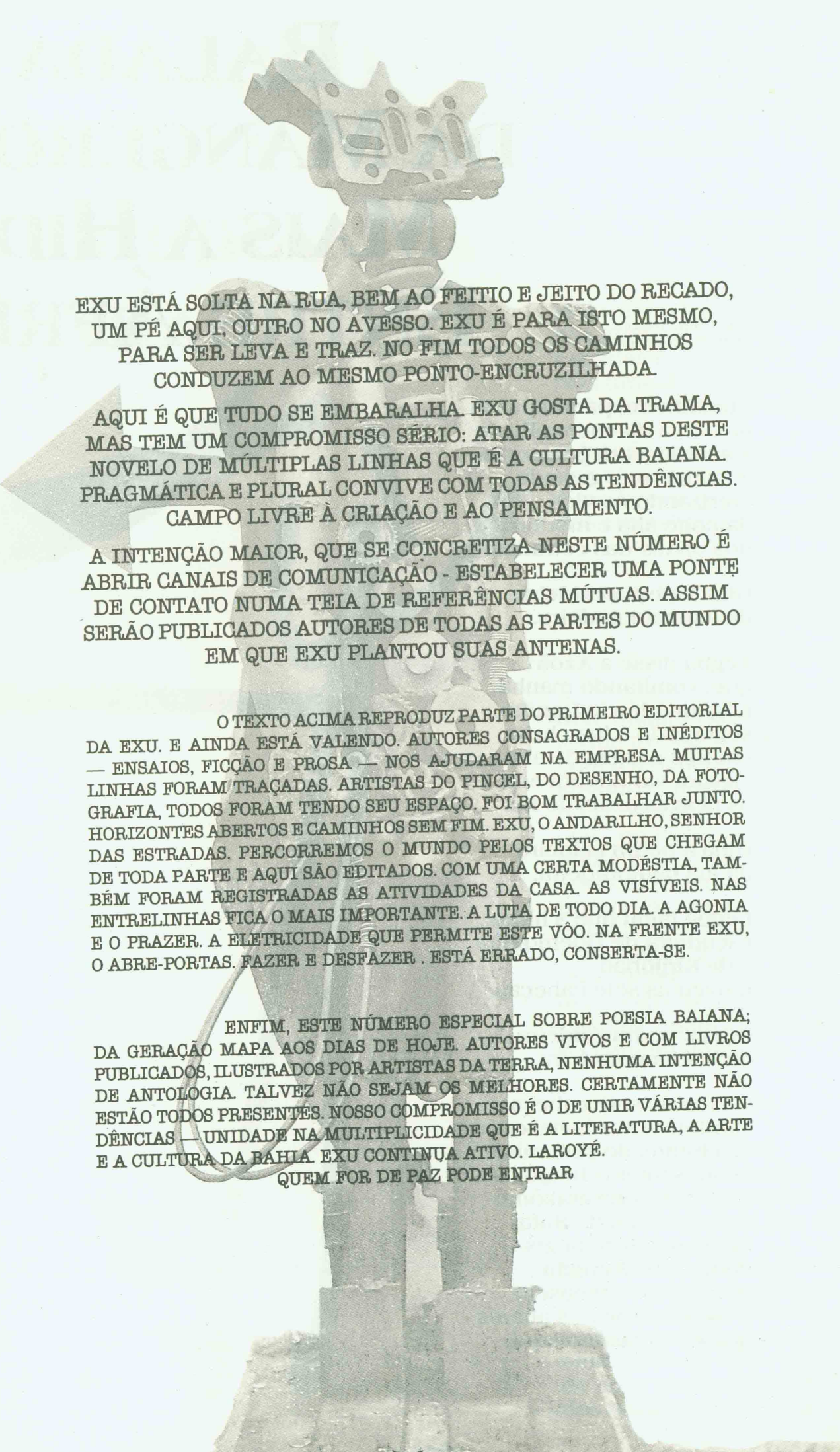
Jorge Lins Freire • Júlio Cesar de Carvalho • Lafayette Pondé Filho
Mário Gordilho • Paulo Maciel • Renato Martins.

Mantenedores:

Dmeval da Costa Chaves Cia. Ltda. • Fundação Nestlé de Cultura • Jean Luc Lagardère
Nacional Iguatemi Empreendimentos • Banco Econômico S.A. • Bradesco.

Convênios:

Secretaria de Educação do Estado da Bahia • Secretaria da Cultura
Fundação das Artes • Fundação Colégio Maior Universitário Casa do Brasil
- Madrid - Espanha • Fundação Internacional Liudmila Jivkova • Fundação
Pedro Calmon • Museu Eugênio Teixeira Leal.



EXU ESTÁ SOLTA NA RUA, BEM AO FETIO E JEITO DO RECADO,
UM PÉ AQUI, OUTRO NO AVESSE. EXU É PARA ISTO MESMO,
PARA SER LEVA E TRAZ. NO FIM TODOS OS CAMINHOS
CONDUZEM AO MESMO PONTO-ENCRUZILHADA.

AQUI É QUE TUDO SE EMBARALHA. EXU GOSTA DA TRAMA,
MAS TEM UM COMPROMISSO SÉRIO: ATAR AS PONTAS DESTA
NOVELA DE MÚLTIPLAS LINHAS QUE É A CULTURA BAIANA.
PRAGMÁTICA E PLURAL CONVIVE COM TODAS AS TENDÊNCIAS.
CAMPO LIVRE À CRIAÇÃO E AO PENSAMENTO.

A INTENÇÃO MAIOR, QUE SE CONCRETIZA NESTE NÚMERO É
ABRIR CANAIS DE COMUNICAÇÃO - ESTABELECEER UMA PONTE
DE CONTATO NUMA TEIA DE REFERÊNCIAS MÚTUAS. ASSIM
SERÃO PUBLICADOS AUTORES DE TODAS AS PARTES DO MUNDO
EM QUE EXU PLANTOU SUAS ANTENAS.

O TEXTO ACIMA REPRODUZ PARTE DO PRIMEIRO EDITORIAL
DA EXU. E AINDA ESTÁ VALENDO. AUTORES CONSAGRADOS E INÉDITOS
— ENSAIOS, FICÇÃO E PROSA — NOS AJUDARAM NA EMPRESA. MUITAS
LINHAS FORAM TRAÇADAS. ARTISTAS DO PINCEL, DO DESENHO, DA FOTO-
GRAFIA, TODOS FORAM TENDO SEU ESPAÇO. FOI BOM TRABALHAR JUNTO.
HORIZONTES ABERTOS E CAMINHOS SEM FIM. EXU, O ANDARILHO, SENHOR
DAS ESTRADAS. PERCORREMOS O MUNDO PELOS TEXTOS QUE CHEGAM
DE TODA PARTE E AQUI SÃO EDITADOS. COM UMA CERTA MODÉSTIA, TAM-
BÉM FORAM REGISTRADAS AS ATIVIDADES DA CASA. AS VISÍVEIS. NAS
ENTRELINHAS FICA O MAIS IMPORTANTE. A LUTA DE TODO DIA. A AGONIA
E O PRAZER. A ELETRICIDADE QUE PERMITE ESTE VÔO. NA FRENTE EXU,
O ABRE-PORTAS. FAZER E DESFAZER. ESTÁ ERRADO, CONSERTA-SE.

ENFIM, ESTE NÚMERO ESPECIAL SOBRE POESIA BAIANA;
DA GERAÇÃO MAPA AOS DIAS DE HOJE. AUTORES VIVOS E COM LIVROS
PUBLICADOS, ILUSTRADOS POR ARTISTAS DA TERRA, NENHUMA INTENÇÃO
DE ANTOLOGIA. TALVEZ NÃO SEJAM OS MELHORES. CERTAMENTE NÃO
ESTÃO TODOS PRESENTES. NOSSO COMPROMISSO É O DE UNIR VÁRIAS TEN-
DÊNCIAS — UNIDADE NA MULTIPLICIDADE QUE É A LITERATURA, A ARTE
E A CULTURA DA BAHIA. EXU CONTINUA ATIVO. LAROCÉ.
QUEM FOR DE PAZ PODE ENTRAR

*Legbá - ou Lebá - é muito astuto.
É da mesma natureza de Exu.
Tudo neles é parecido.
Não se contraria Legbá,
porque vem logo a vingança.*

Amancio, Rontó do Jêje,
e filho de Ruinhó.

*Qualé, compadre!
Tenho preconceito de cor.
E muito forte.
Sabe por que?
Porque não gosto de negão.
Só de neguinha. Tá?*

Jacinto Bispo Tenreiro,
garção das noites da Bahia.

BALADA DO DA MANGERONA MAIS A HIDRA ENTRE ÁFRICA

**Caminheiro, pára o passo
na curva da encruzilhada
e acorda, com paciência,
a mangerona gestada,
olorizando os viés
da noite alta e modorra
dos orixás das estradas.**

**Olha a pedra caideira
da lua namoradeira.**

**Legbá disse a Azoã
que, vomitando manhã,
Lôgum-édé viu Dan/Bá
segurando a lua cheia
em três nêsgas de alto mar
- assim viu Lôgum-édé
as nêsgas azuis de Bá.**

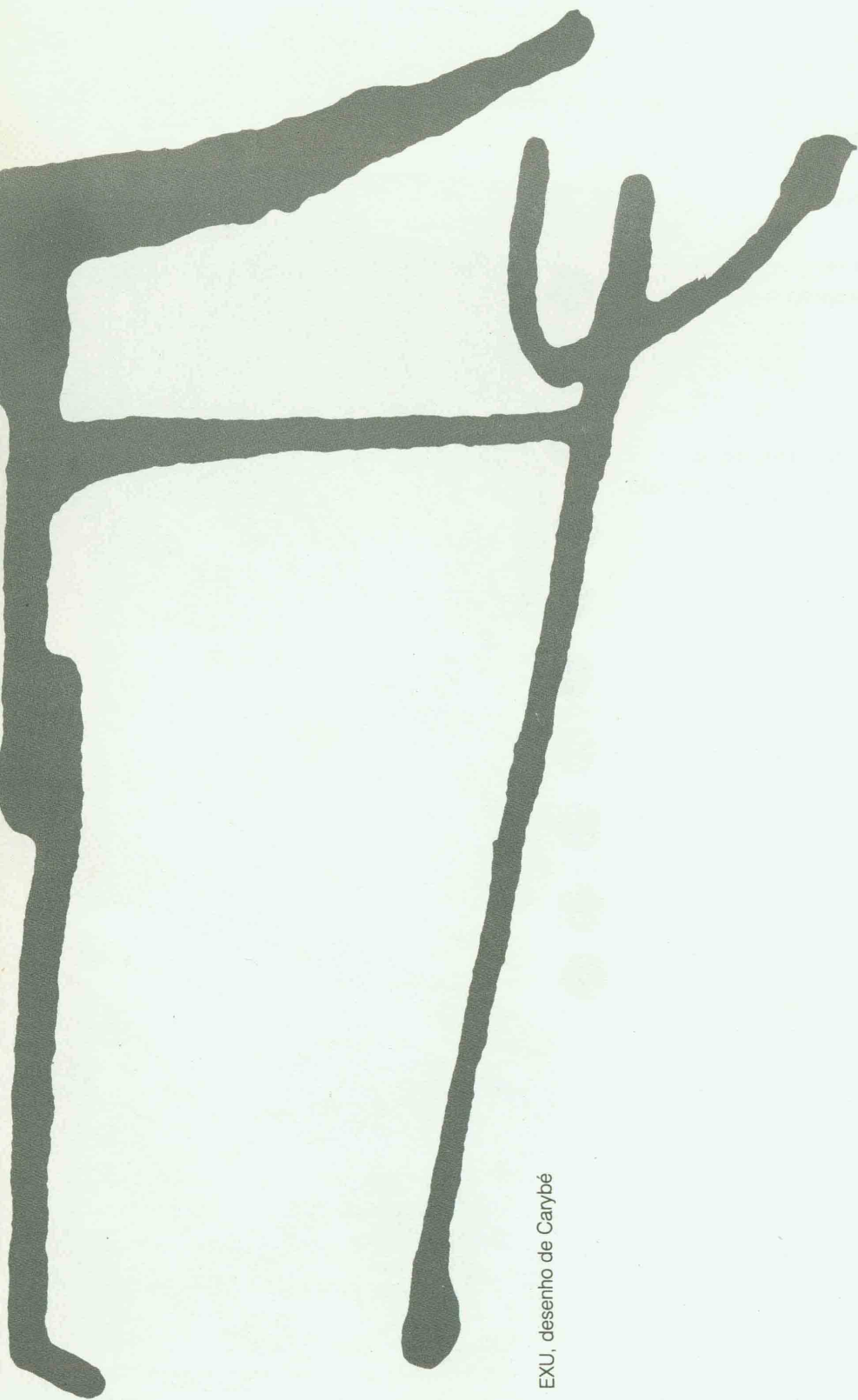
**Olha a pedra caideira
da lua namoradeira.**

**Legbá falou que a hidra,
escudeira de Quemquem
e de Kirijôbaô
moveu as sete cabeças.**

**Olha a pedra caideira
da lua namoradeira.**

**Moveu as sete cabeças
Montou sete zós nascentes
e, à frente, de sete raios
- com sete ifás benjoins,
sete fumos de arakômo
do cachimbo de Rafú-
bateu nos sete pegís
da terra de Dangibí
(Ó África, eu renasci!)
e os misturou aos altares
que se elevavam aqui.**

CAMINHEIRO DE LEGBÁ FEITICEIRA E BAHIA



EXU, desenho de Carybé

Hoje, as redomas dos santos
são abebês, xaxarás,
espadas e paxarós.
Nos turíbulos incensos.
Incensos mais nos roncós.

O jesuíta mais sábio
das escunas lusitanas
é também o ojuôbá
das embarcações negreiras.

Dá três passos para frente
e, agora, três prá trás
- mais encanto se fará:

---...---

Sete mulatos gingando
a vida avessa a vodun
- otá e alôkuedí,
kôgudô e afókuê
no ar, vibrando o passado
- um, no Paço, verberando
quilombismos e zumbis
- dois sativando jamaicas
no Terreiro de Jesus
(ilharga do sol poente)
e um baticum pé-no-chão
- São Bento no berimbau.
um samba de arranja-pão
- quatro, enfim, no dominó
da Ladeira do Ferrão.

---...---

Legbá disse a Azoã
que, vomitando manhã
Lôgum-édé viu Dan/Bá
em três nesgas de alto mar.

Caminheiro, pára o passo
na curva da encruzilhada
e acorda, com paciência,
a mangerona gestada,
olorizando os viés
da noite alta e modorra
dos orixás das estradas.

CARLOS ANÍSIO MELHOR

POEMA

Nesta penumbra meu barco vai partir, o vento passa e não deixa cicatrizes
Quando o verão floresce as rubras amapolas,
O meu barco vai partir num mar sem cicatrizes.
Circundado de grinaldas, é noiva que morreu
Com sua grinalda imaculada pelo tempo e meu desejo.
Nesta hora o verão floresce suas mais rubras amapolas
E os netos de Ciro sacodem os seus sacos de ossos.
Este é meu verão, amor, venha ver as amapolas:
Nossos filhos mortos, nossos mornos desejos,
Frutos ardentes do verão.
Agora o palhaço canta um madrigal e
Enquanto tinge o rosto de escarlata
Desce a penumbra que envolve o barco na partida.
Quem perscrutará o desespero de sua canção?
Os homens pelo cais e têm os olhos fixos no chão.
O rosto voltado para a cidade que fica.
A Cidade está cheia de luz, embriaguez deste verão,
Enquanto o desespero é silêncio, é mudo o desespero
Quando não escapa na forma de uma canção.
Neste verão, amor, nossos filhos estão mortos.
Frescor nenhum virá da primavera, e seu riso
Na penumbra escondido numa canção banal.
Amor, Amor, Amor, Amor, em que trágico cotidiano tu morreste.
Retoma tua primitiva doçura. Volta à tarde que eu estou te esperando.

NIVALDA COSTA

Estontear a sede
Compor com crinas.
Ser o ômega e o virtuoso;
Sacroluto e recessivo.
Estontear a forma
e deixar que a madrugada
facelina espante
a solidão dos olhos

"PRÁ LÁ DO LADO DE DENTRO"

PARA
MIM
AMADA
UM RUMOR DE ANJOS,
NA SEQUÊNCIA
EXPLODEM
PASSÁROS FREE-LANCER

"BUUM!"

O MEU TEMPO

Não existe hora certa, existe o meu
relógio,
Lembrando sempre com seu tic-tac
Que há vida
Para ser vivida,
Que houve a vida
Que não se viveu.
Não importa que o rádio renitente ruja
São tal hora e tal minuto,
Hora oficial,
Afinal.
Que há de oficial em minha vida?

Somente,

Quebrando a paz exata deste espaço,
Levando a mim à frente, sem retorno,
O tiquetaquear meu ser-serei,

Existe o meu relógio, -

pulso falso,

Sensato solilóquio, lento certo

Que canta
O canto
Do tempo

Que é meu

Treze Ressonetos

(f)

*Neste momento, os homens mal despertos
se preparam pra a guerra cotidiana,
levantam-se do leito, descobertos,
ou nus ou de cuecas ou pijamas.*

*Nada mais é prosaico que estes gestos
que os poetas recusam-se a cantar, -
lavar o rosto e escovar os dentes,
enquanto pensam na guerra a enfrentar.*

*As mulheres, deitadas ou de pé,
recompõem suas máscaras noturnas
enquanto sonham em tomar café*

*em Paris ou em Roma ou na Bahia,
xingando a noite que desfez seus rostos, -
Nada mais salutar que o dia a dia.*

JOSE CARLOS CAPINAN

Não escrevo porque não penso.
Ou não está dando tempo para organizar os espasmos, as soluções,
meu pulso anda sempre em zero ou tudo. Não há tempo para estancar os poemas.
Nem para dimensionar os códigos. Vale Quando escrevo escrevo.
Depois me vejo. O papel é apenas o espelho em que escrevo e me vejo.
Não posso agir sobre minha imagem. Sei o que estou. Apenas o cavalo neutro do outro, o Eu que carrego. O inferno interior. Exterior de mim mesmo.
A dialética é ótima para a exercícios e absurdos. O fantástico faz sua própria lógica, pouco importa o final. O juiz será sempre relativo.
Estou mais à vontade para o improvisado da inconsequência, o crítico levantará o mistério e me absolve

Poeta e Realidade (O Homem)

Faço poemas como quem ganha:
olhos em elmos, face tranqüila.
Da dor, do mundo, da guerra,
não desespero de sua possibilidade,
construo meu corpo entre berro e sabre,
nasço minha vida ao curso da vida.

DUDA MACHADO

SORTILÉGIO

moça
sob a chuva
anda
olha
como quem
abre cortinas

a chuva
lhe cai em cima
ou se limita
a segui-la?

CICLISTA

monóxido de carbono
num sábado qualquer

da bicicleta estratosférica
os olhos planam

pele aura

mensageira do oxigênio
ela me deixa
sem ar

OFICINA AMOROSA

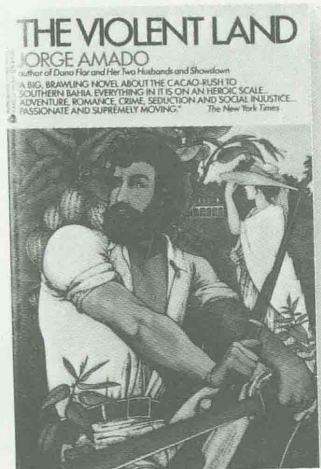
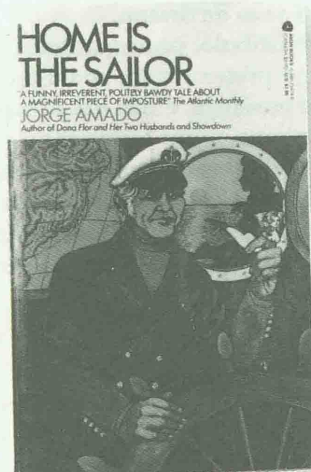
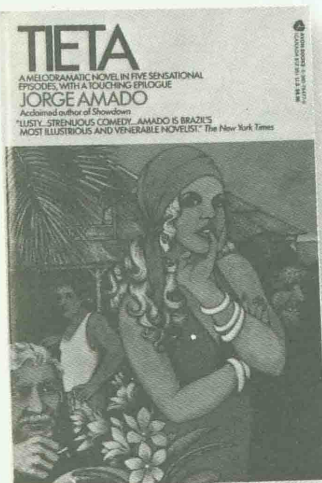
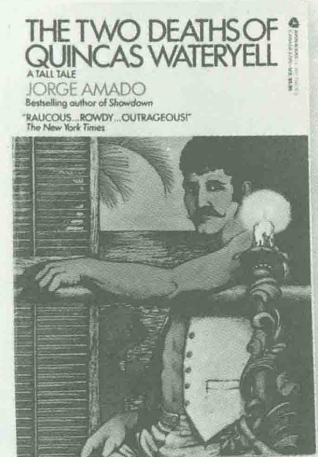
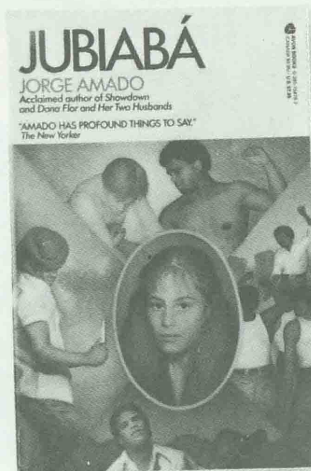
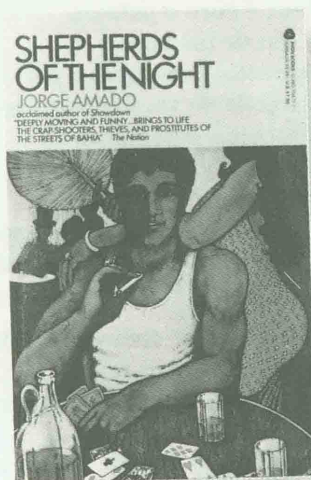
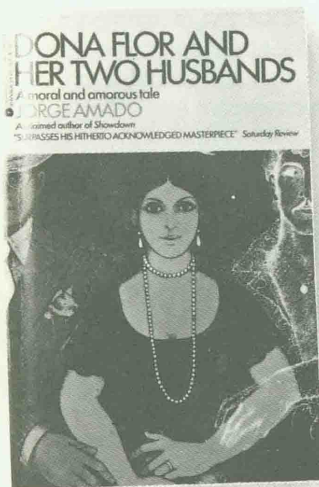
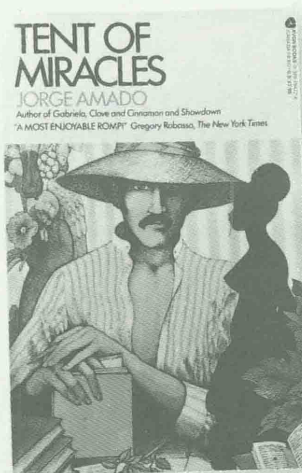
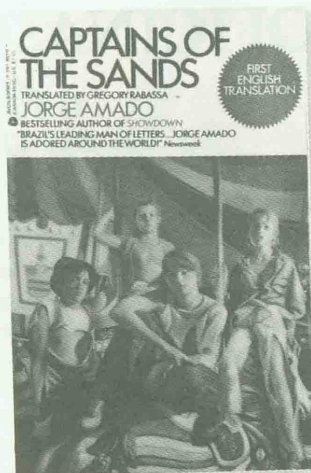
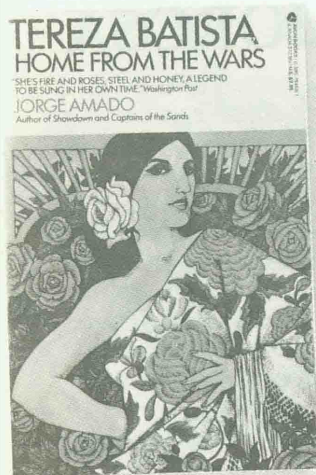
O TEMPO E O TEMPO

calma alma vai devagar em direção ao teu malogro
não querias alvéolo deglutir sem que espaço haja
entre brilhâncias obscuridades vai
inteiro toma o que te pertença
singra como ave palma ou barca
tuas velas de partir!
quanto a chegar, nem fales!
é tempo de viagem!
não há lacaíes, aticadores, ceras,
apenas remos dos teus braços
calma, é ouro a palavra
em céu de tua boca,
sem ventos prossegue o percurso,
despojado de vocábulos antigos,
tão-somente este remanso
quando o olhar inclinas
e mal avistas
na convergência entre dois pátios
um bando de meninos que palavra.

calma alma
não vás morrer como uma vela!
mil mais mil mais mil
o resultado sempre igual a zero!
não vás! atrás!
tem sempre o duende a vitória
os tardos aurorais como um rio
fluido de cardumes e de tigres,
um vezo de Swann,
proustúbulo, proustpatíbulo,
vago pretexto para conhecer-se
tua ausência, e não tua presença,
presente, o que serias tu?
viva ira dos que querem menos,
e assim a consciência a todos nos faz covardes,
tua presença, como asas eclatantes que impedem,
tua ausência, conferindo mundos.

mal e ogro! malogro!
proustituto da memória!
esta frota que são cárceres
e um navio fundeado em pleno porto
e todo este azinhavre do seu casco
sem tempo para múltiplas viagens
verso ao olhar da infância,
pequeno dolmã, redondos aros,
existiria o que acabasse?
e estas resmas em rolos irreais
como papel tecido por chineses há dois mil anos
prensado nas calandras da memória.

Antes de Passar Por Aqui



Dê Uma Passadinha Por Aqui:



UNIVERSAL ENGLISH COURSE
Largo da Vitória
40120 - Salvador - Bahia. Tel.: 235-0503.

Poço Fundo

Eu sou um poço fundo, um mundo de mistério.
 Será que assim pareço pra você?
 Pareço uma alemanha, montanha de mistério,
 Será que assim mereço parecer?
 Uma montanha negra, consagrada ao rito
 Dos pactos de amor que faço em mim.
 Pareço com uma pedra bruta, preta, de granito,
 Mereço mesmo parecer assim?
 Pergunto porque junto do meu leito toda noite
 Há sempre uma florzinha de cheirar;
 Pergunto porque junto com meu jeito meio afoito
 Carrego uma ternura, um bem estar;
 Pergunto porque dentro do meu peito, todo dia,
 Se cria uma cantiga para o amor;
 Pergunto porque, embora de aparência um tanto fria,
 Nunca estou feia, nunca estou vazia;
 Vivo sempre cheia de uma simpatia,
 Nunca uma alemanha, sempre uma alegria,
 E a minha manha é manhã de calor.

Meditação

Dentro de si mesmo,
 Mesmo que lá fora,
 Fora de si mesmo,
 Mesmo que distante.
 E assim por diante,
 De si mesmo, ad infinitum...
 Tudo de si mesmo,
 Mesmo que pra nada,
 Nada pra si mesmo,
 Mesmo porque tudo
 Sempre acaba sendo
 O que era de se esperar.

DIÓGENES SERRA MOURA

cartumes são cartuns
 curtumes são cartórios
 cardumes são cartadas
 corsários são colheitas
 carbonos canetas cornetas e cordões
 que se ligam e se tocam e se amarram
 como
 coronéis e exércitos
 nas calçadas
 e dentro dos camburões.

borboleta de alabastro
 teu cantar é como o sol
 da cor do amor do sol
 da dor do amor no sol
 da vida bucólica do céu
 do vôo do sonho no céu
 do céu de tu meu sol
 do sol de tu meu céu
 e do céu do sol de ser.

Quando nascerem sóis nos olhos das Quimeras
 vou pôr o meu culote, calçar as esporas
 e levar a passeio todas as senhoras
 que, faz séculos, dormem no álbum de lembranças.
 Tão logo esteja pronto desfarei as tranças
 daquela - menos mal - que no passar da hora
 manteve-as pueris nos retratos embora
 as traças as tentassem destroçar deveras.
 Mas, antes de tudo, terei que desatá-los:
 gravatas, polainas e rígidos coletes
 - escudos de guerra e peitorais de cavalos -
 resistentes até à força de porretes.
 Colarei cigarros nas bocas das mulheres,
 trocarei as anquinhas por modernos slacks.
 Aos homens deixarei apenas cavanhaques.
 Depois, em meio à febre que há de devorar-me,
 te pedirei que nunca mais me esperes,
 nem à menor palavra minha que te arme
 contra o que armo, em verso, em torno do retrato
 morto nas desbotadas páginas já mortas
 dos tempos onde reinvento as mesmas portas
 por onde chego ao Tempo e, em tempo, selo o trato
 com o sal das lágrimas e os espelhos d'olhos
 - no mar da minha poesia os abrolhos.

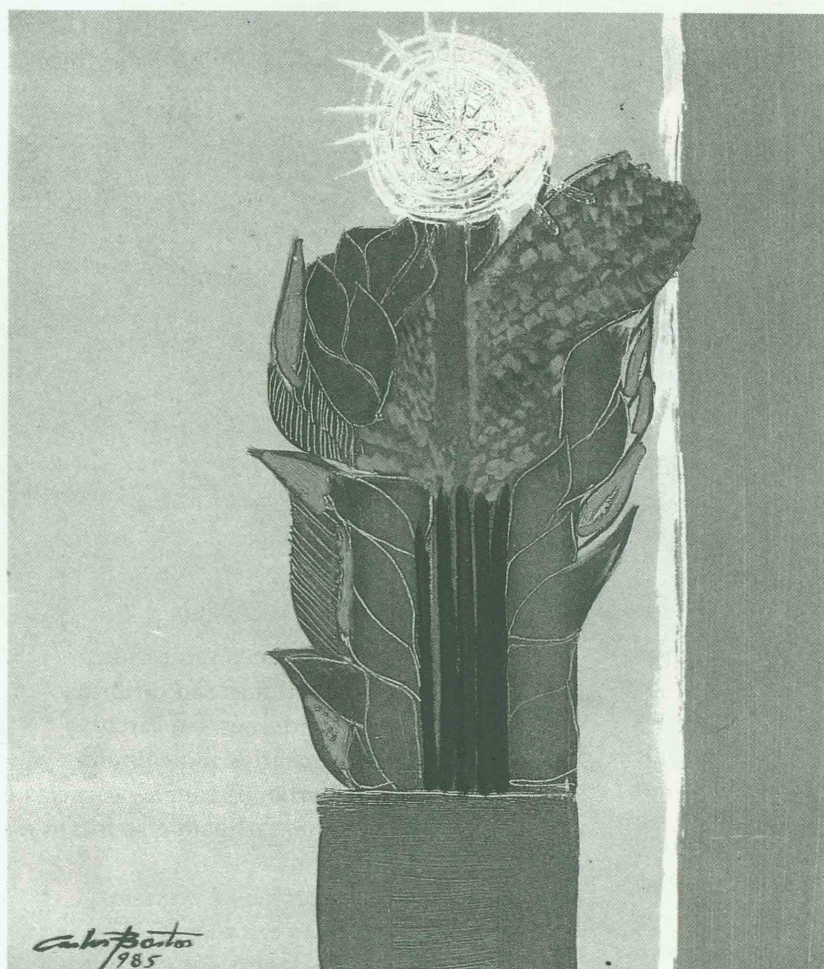
Soneto Narrativo Do Bairro Do Rio Vermelho

*Bairro do Rio Vermelho a Mariquita,
 a igreja do Largo de Santana.
 Rua da Paciência, a cor restrita,
 o casario antigo, a vida humana.*

*O Morro do Conselho, o sol que incita,
 a pesca do xaréu, a lua insana,
 a lavagem da igreja, a fé bendita,
 e o Dois de Fevereiro que se ufana.*

*A procissão, as ruas apertadas,
 as sereias do mar, as cavalhadas,
 a jangada, a canoa, a morte inglória.*

*O pescador, a praia, o veranista,
 baixios de Quebranças — terra à vista.
 Caramuru naufraga nessa história!*



Pintura de Carlos Bastos

FORMAÇÃO

Nem pétala nem pano
 corpo
 embora rosa
 breve
 sopro
 resiste à cruz
 e vive
 nem posse nem plano
 sonho
 embora sombra
 queda
 o caos
 evolva em verde
 canta
 nem arma nem arte
 sentido
 embora pasmo
 amplo
 e alvo
 inventa a ponte
 passa
 nem torna nem tarda
 noturna
 embora estrela
 nova
 dalva
 assume a cruz
 e sangra
 nem luto nem lírio
 cicatriz
 embora marca
 funda
 e grave
 explode em grito
 batalha

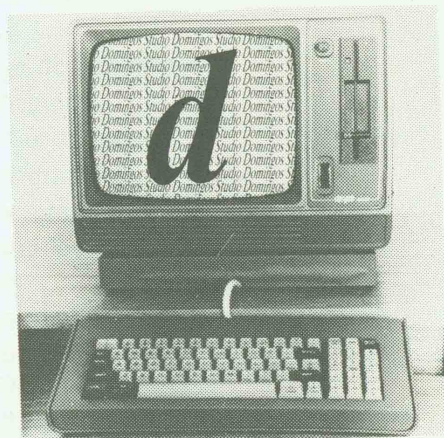
CONTRAPOÉTICA

Toda poesia
 é inútil buscar.
 O que jaz nas palavras
 nunca há-de aflorar.
 O que quero escrevendo
 é o fundo do casulo
 onde me escondo de todos
 e a minha verdade oculto.
 Pois na realidade
 eu sou o que cabe em mim.
 O que além se projeta
 é acidente, e não fim
 Se isto te atinge
 um ciclo se completa.
 (Mas a minha emoção
 em si mesma é repleta.)

POÉTICA

Não menos que a vida, amo
 as palavras que a revelam.
 (Os sentimentos que lutam
 nas peripécias que tramo
 contra os demônios que velam...)
 Não menos que a vida, amo
 as palavras que a ocultam.

VAMOS TIRAR DE LETRA O SEU TEXTO.

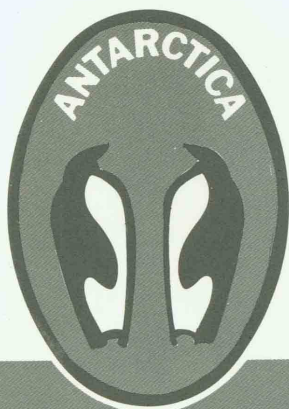


A tecnologia do Computador aliada ao
sentimento de melhor servir.

Studio Domingos

- Fotocomposição • Composição IBM • Forma Composer.
- Diagramação e Arte-final de Livros - Jornais - Revistas
- Relatórios - Balanços - Atas e Editais.

Rua Almeida Sande, 33 - Barris
Tels.: 241-0018 / 243-7237 - Salvador - BA



Beba Produtos

ANTARCTICA

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS

NOSSO AMOR RIDÍCULO SE ENQUADRA NA MOLDURA DOS SÉCULOS
 SUGO ESPIRAIS DAS NUVENS DE CIGARRO QUE FUMO
 SOPRO BAFORADAS-CARAMUJO POR ENTRE VOLUTAS DO UNIVERSO
 EU, PEQUENINO GRÃO DE AREIA-POETA, PLASMO RIMA ALITERAÇÃO METÁFORA OXÍMORO VERSO
 PASTO PALAVRA: QUINQUILHARIA NINHARIA PALÁCIO DO NENHURES Ó CASTELO
 DE VENTO

PASTEL DE BRISA

ESTUÁRIO DE BUGIGANGA
 EM CONFRONTO COM MANADAS MIRÍADES D'ESTRELAS ESPOUCADAS
 SOBRE OS SETE DIFERENTES MARES QUE SETE ESPELHOS SÃO PARA ALGUM MAR ABSOLUTO
 (ROMA E BAALBECK E BAGDAD E BABILÔNIA E BABEL SIDERAL)
 E É O NOSSO AMOR UM AMOR TÃO DIMINUTO

MONTE DE GANGA BRUTA
 NONADA

LAMPEJO DE SEGUNDO

RELÂMPAGO DISSOLUTO

FILETE DUM RIO MINÚSCULO
 MICROSCÓPIO LEITO

AMOR NOSSO SÉCULO:

BURACO NEGRO SORVEDOR DE VULTO AROMA LUZ
 BAGAÇOS DE ROLHA BOLHA BORRA PORRA PÓ
 BEBO VINHO PRECIOSO COM MOSQUITOS DENTRO

MURIÇOCA MARUIM POTÓ

FERNANDO BATINGA DE MENDONÇA

LAVRA

Esta a palavra
 áspera
 fechada
 e circumspecta.
 difícil, navego
 ao outro lado.
 porto:
 rosto incerto.

Tiro à palavra
 à pá
 a paz.
 o gosto amargo
 trava
 a boca

trauma
 os instrumentos
 descem à terra.

Esta a palavra

— pá e lavra
 dois metais
 faiscas —

que reúno
 e me liberta.



Pintura de Lula Queiroz

CARLOS VERÇOSA

na ponta vaidosa do galho
desponta uma jóia preciosa
orvalho

a formiga leva
a carcaça da cigarra
leve como um canto

espelho partido
revela, do chão
minhas muitas faces

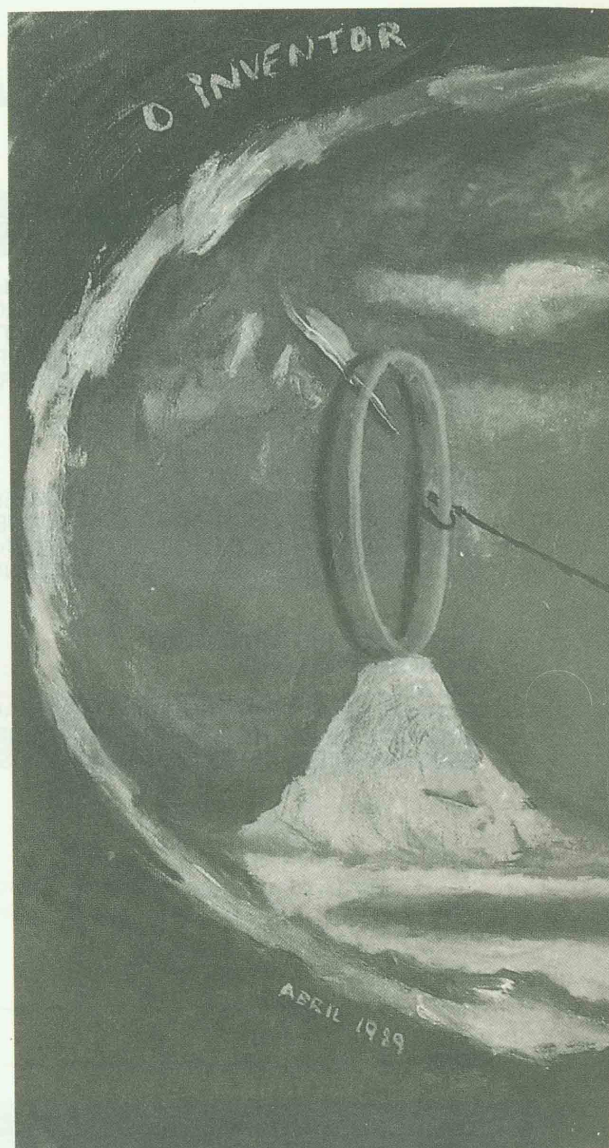
uma folha
troca de ramo
borboleta

por que me virar
pra ver melhor quem pensou
se ficou o perfume?

gato rato
gato rato gato rato
gato grato

ANTONIO RISÉRIO

POR MAIS QUE EU TENHA POR MENOS
DE TI HÁ DE TI NESTE TALVEZ
E TI SÓ O QUE SEJA TIVER
DE TI DE TI NUNCA VEZ TAL
QUE VOZ NÃO TENHA OU SEJA SÓ
AQUELA É ALÉM DA LENDA QUE SOU



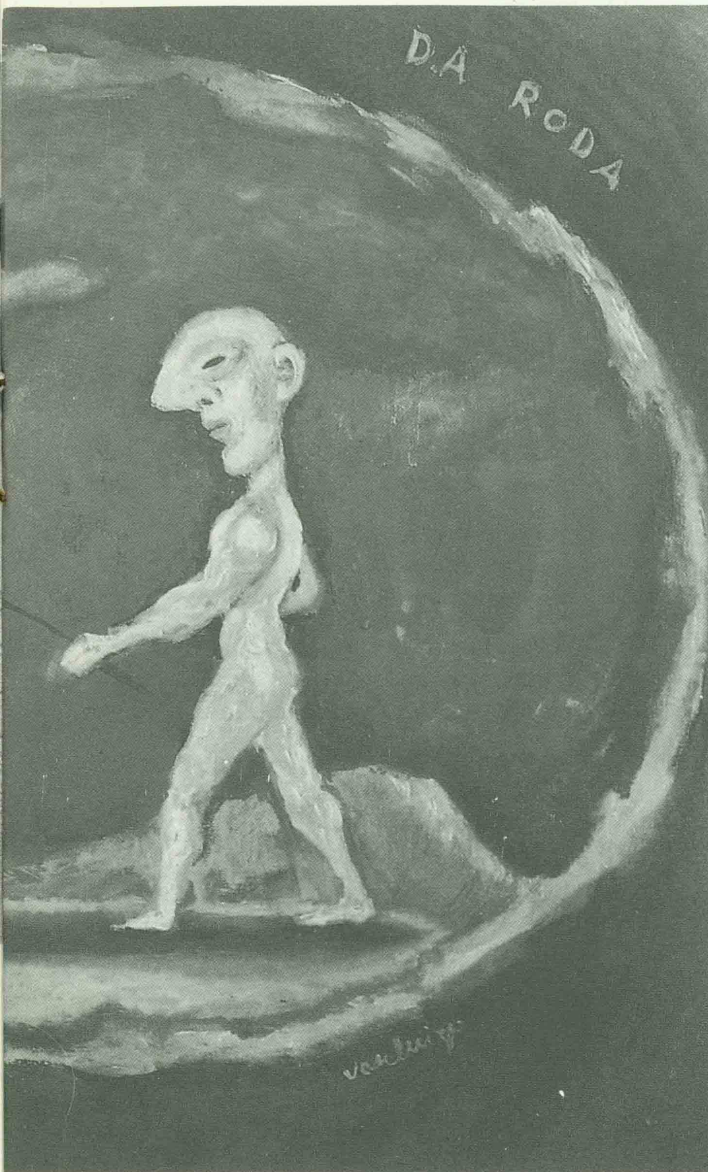
Pintura de Valúzio Bezerra

3

Durante quatro anos, o relógio
obstinara-se em sua forma externa.
Sexta-feira, dia em que temos a ilusão de algo realizado,
surpreendeu-me com sua alma metálica:
aberta, a atmosfera interna se revelara:
finas peças de metal branco,
a minúcia mesquinha nos movimentos,
e a mesma vulnerabilidade que temos.
O relógio rendera-se.

26

Dramáticas, as moscas
usam o espartilho inventado por Rimbaud.
O ouro do verão inunda todos os corações.
Reacende em mim a febre de Brasil
Nu na varanda, leio deliciosas bíblias.



concerto para cravo cravina e crisântemo

umdia ^{um} sol
^{pássaro}
^{canta}
umdia ^{pousado} chuva
^{na}
umdia ^{planta} dema
^{do}
^{pé}

IVAN BRANDI

ALGUMA GEOGRAFIA

Os vestígios são nos espelhos das sombras — as palavras.
No cais, a geografia cumpre seu ritual didático
indicando o Desconhecido
como um sonho entre latitudes
e estabilizando o mundo
com a diagramação de seus cartões coloridos.
Mas entre os exercícios desta ilusão
navegadores se afogam como pedras.

A CHANCE

Levo comigo a chance de ser.
A rota perimetral onde se esculpem segredos
e o ponto harmônico entre a luz e a distância.
Ainda me rastreia a inquietude dos heróis
e dos condenados à solidão e ao amor
por uma memória impermeável que se nega,
que não se mantém em síntese.

RUY ESPINHEIRA FILHO

OS OBJETOS

Os objetos
permanecem claros.

Habita a moldura
uma mulher de faces
cor-de-rosa

Sobre a mesa de mármore
um cavaleiro de porcelana
saúda as visitas.

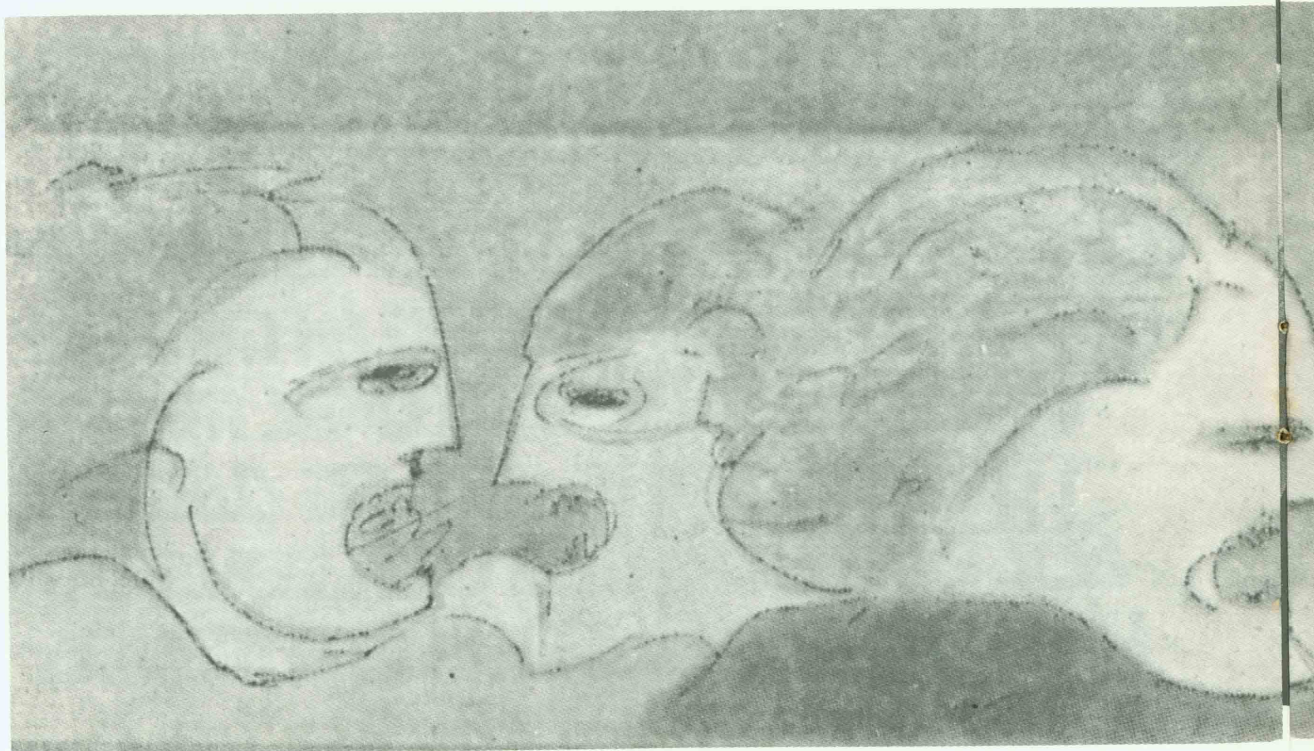
A caneta ainda escreve
com a mesma tinta
de um azul levemente melancólico.

Na gaveta, dormindo
sob cartas e poemas,
o revólver aguarda.

REVELAÇÃO

Só o passado que
aguarda no futuro
revelará a limpidez
maior desta tarde.

Ai que somos felizes
agora
mas não tanto
como amanhã, no passado.



MALANDRA

Kem anda p'trás cay qem enxerga enverga
DylamGonzaga barroson
meu koração
alcorão
Babybruxa
VAGABUNDOS
Welharia conhece nôm sabe
o barco
o arco
o automóvel
A Paz
Paipensava
a Guerra
Legal my friend
grilhante
este meu Qorpo mel sangue
Bixo big boy-cow
O Sangue&a seringueira
borraska
Amem-se unsansoutros

ESPÓLIO

banhos de civilização
no hudson tejo sena tâmisa
ou danúbio
azul
preços especiais para tupiniquins

CINEMA MUDO

aquela harmônica
despretenciosa

INVERNO

o círculo eterno do silêncio e do medo
a velhice a chuva a lucidez
o desejo
deus e todas estas questiúnculas da
poesia tupiniquim

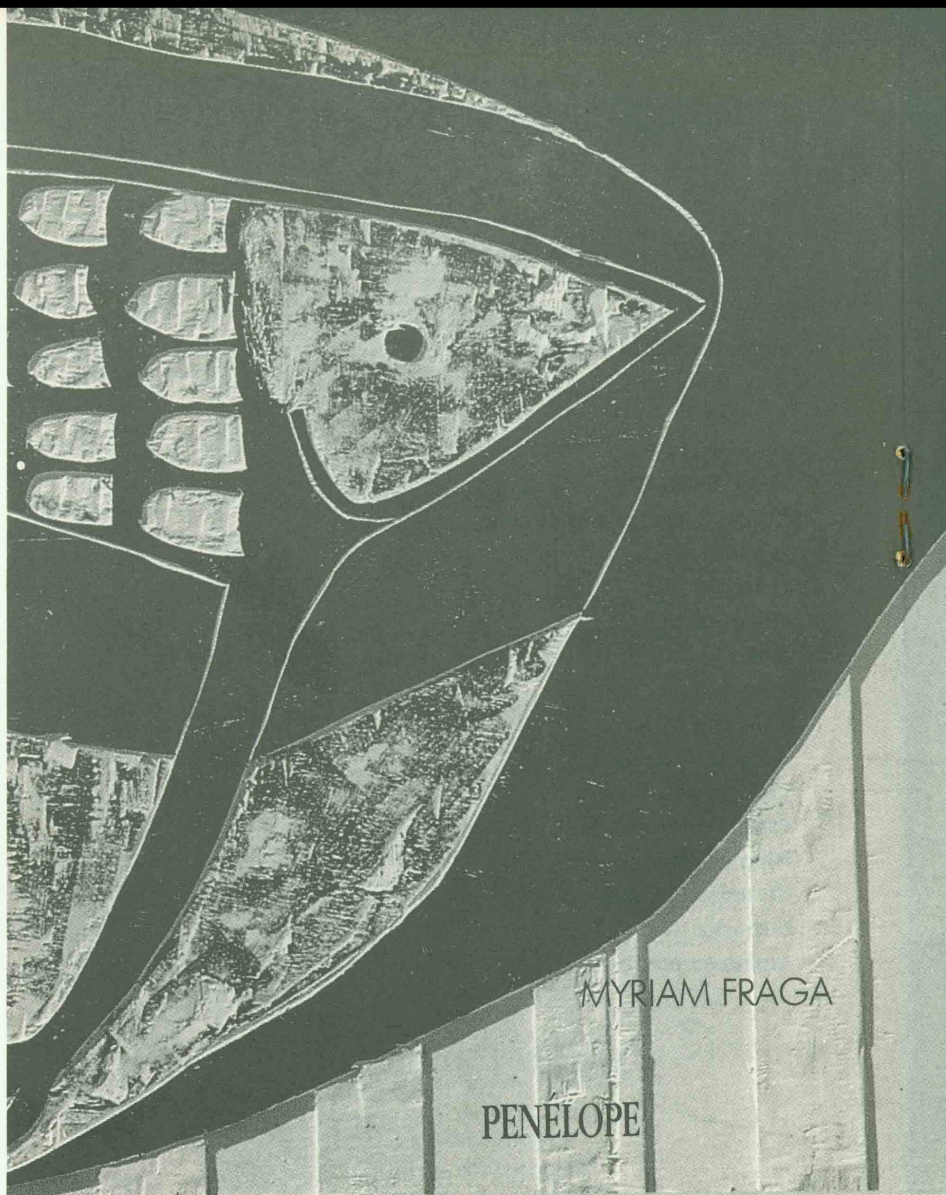


Pintura de Justino Marinho (detalhe)

RES/PÚBLICA

*Bem, ó doutíssima Diotima,
essas coisas é verdadeiramente
assim que se passam? (Platão: O Banquete)*

A mesa na varanda
(senhorial e atulhada)
continua posta.
Facas e nacos
garfos e beijos
muitos e tantos copos:
pois a sede é artesiana.
Nas tigelas não cabe a fome,
pois há que renovar as fezes.,
As viandas elétricas,
peixes sutis
e massas tácteis
frutas ávidas,
doces bárbaros,
queijos podres
caldos e molhos.
Vinhos sem casta.
Leia o cardápio do dia!
E os enormes guardanapos
(feitos de lençóis e cortinas)
são crachás emblemáticos
no pescoço dos comensais.
Onde estão os garçons e o escanção?
Mais e mais e mais
frutas no oceano
bichos da terra
legumes exóticos
bolos mortais,
AGUARDENTES.
A mesa na varanda
(paquidérmica e farta)
permanece acesa.
Velas e tetas
caras e cães
mãos e panelas
bofes e bocas
candeias e bundas.
Onde foram os garçons e o escanção?
Pratos e pratas e patas.
Debaixo da mesa os ratos e ratas.



PENELOPE

Hoje desfiz o último ponto,
A trama do bordado.

No palácio deserto ladra
O cão.

Um sibilo de flechas
Devolve-me o passado.

Com os olhos da memória
Vejo o arco
Que se encurva,
A força que o distende.

Reconheço no silêncio
A paz que me faltava,
(No mármore da entrada
Agonizam os pretendentes).

O ciclo está completo
A espera acabada.

Quando Ulisses chegar
A sopa estará fria.

GALOPE AMARELO

Quando ele voltou
a moça do portão estava casada
o prefeito era uma cruz e uma placa
as aves mudaram de itinerário
como os ônibus
o irmão mais moço tomava ópio
para esquecer.

Quando ele voltou
o empregado da esquina respondera
a um processo
onde perdeu a esperança e os dedos
o pai fuzilara um estudante
a mãe fugira com um mascate.

Quando ele partiu
a primavera galopava nos rosais
os campos de begônia floresciam
o gado esturrava nos currais
a terra desafiada vicejava como
uma égua na véspera do galope.

Quando ele partiu
o alimento dos olhos era verdura
de paisagem além da cerca
as goiabas enchiam os cestos
as mulheres voltavam com os meninos
os velhos falavam de assombração
a lua espreitava o pátio e o quintal.

Quando ele voltou
o ministro citava o arquiteto
com a pretensão de restaurar
o tempo à revelia dos relógios
o muro substituiu o horizonte
autoridades sonolentas distribuíam
o passaporte dos homens para o sanatório.

Quando ele voltou
as leis se haviam tornado ainda mais fósseis
as oligarquias muito mais poderosas
os poderosos mais astutos
o ministro lembrava "a pá sob os escombros"
o menino relia as manchetes da guerra
os preconceitos rimavam com a economia.

Quando ele voltou
havia uma encruzilhada e um altofalante
a moça do portão estava casada
o irmão caçula era um soldado velho.

Quando ele partiu
a primavera galopava nos rosais.
Quando ele voltou
o céu era só um galope amarelo.

Pintura de Calasans Neto (detalhe)

MOTIM

Estou morto
Mas não me entrego,
Estou mutilado
Mas nego
Até o fim meu destino
De pássaro cego.

Estou perdido
Mas aperto
Ao peito este mapa
Incerto
Com seus rumos desconexos.

Estou mudo
Mas não sossego
Este grito que carrego,
Como lâmina nos dentes.

Estou cercado, mas resisto.

LUIZA VIANNA

Amanheci sabendo
o que queria das pedras.
E eu que ontem
pensava haver perdido
o dom de conversar com elas,
hoje fluo riacho e canto
fazendo nossa eterna
e líquida harmonia.
Quero o seu corpo
de limitado ser,
quero-a como é,
como eu não sou,
para que possa dizer
que esta cara dura e escorregadia
fica menos pedra
ao contacto da água fria.

AOS ENGAJADOS

Alguns sonhos são de pedras.
Outras realidades são de nuvens.
Mas não te atormentes se estas
forem prenúncios de tempestade.
Pois com as pedras ergueremos
a catedral de torre infinita
que tocará o céu com sua
ponta em riste e em ponte
será o transporte dos anjos à terra,
trazendo o nome de homens.

MIRELLA MÁRCIA

SÉTIMO AFLUENTE: FESTA

E sobre o meu soluço lentamente
nasce um riso e um riso tão presente
que não sei se mais festejo
o mistério da alegria que me envolve
ou lamento a saudade que me deixa.

HORA

É sempre cedo para quem espera
pelo simples ato de esperança.
Para quem desesperar nada
mudaria,
para quem esperar é a própria
esperança.
— Que me seja dado o direito
e eu espero.



MABEL VELLOSO

EM PAUTA

Hoje o sol em tom maior
subiu na pauta do dia
e tocou desafinado.

MEU RIO SUBAÉ:- ESPELHO EMBAÇADO

Rio que desce sem canto
e sem o encanto de outrora.
Rio cansado, escuro, escravo
que já perdeu toda ânsia
de se encontrar com o mar.
Rio sisudo, calado,
parece parou suas águas
nas dobras sujas do cais.

O meu rio quer vida nova
quer viver mais, muito mais!

MARIA DA CONCEIÇÃO PARANHOS

14.

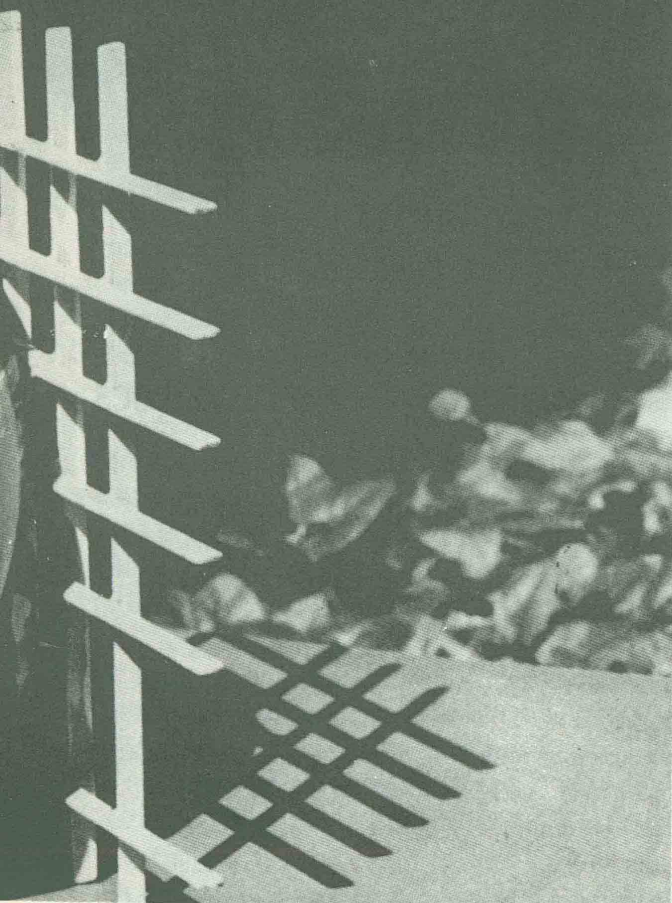
O desumano da Esfinge
nos pertence.
Nosso corpo sagrado,
monstruoso,
com todas as ciladas
da questão.

Saber a Esfinge.
Sabendo-a, deixar-se,
devorados,
em seu gargalo
de besta fera,
sobre-humana,
animal contudo,
e familiar,
apesar de estranho.

Mito falaz,
falácia de assassina,
carnívoro animal,
antropofagia infinda,

cabeça de ouro,
irmã do sol,
boca de luas profusas.

Se nos deglutisses,
onde depositarias
tua bosta de besta?



Escultura de Maria Adair

O FERRO O FOGO E A FERIDA

Marcar a face
não com o beijo
mas com o tição das palavras.

Guardar na garganta
como um sacerdócio
o algodão do silêncio.

Abocanhar a pedra
e agasalhar na boca
o espinho e o fogo.

Enclausurar nas mãos
o longo olhar do sol
e o farol do luar.

Vestir o amor
com roupas de infinito
e baforadas de incenso.

Porque meu mar
montado no vento
ainda não chegou.

A CIDADE CONSTRÓI O LOUCO

O homem pasta migalhas
passeia no precipício
ou no lombo da navalha.

E cavalga sem juízo
nas rédeas soltas do riso
pelos campos de sua jaula.

E o verde olhar emoldura
o tom pastel da loucura.

TELMO PADILHA

Busca

Este é meu ofício.
O outro não digo.
Se mais o pratico
menos o sei
nas pedras que lavro
e vou deixando
sangrando de mim.
Este sei
e mais me especializo
e sobrevivo
e me apresento
e participo.
O outro não sei.
Sim que o tento
por fora e por dentro,
e se mais penetro
menos me completo.

As fundações

Te construo
a partir da escura
matéria de punhais
altissonando palavras
em gases revestidas.
São dores gerais
esses particulares aís.
Fragilidade e grito
não impedem a infinito.
Comungo a total
no totalizante geral.
A tensão conclama
tua voz que me chama.

ESBOÇO: A FACE ESQUERDA

Não tenho pactos com Fausto
nem com Mefisto — o eterno
curso das nuvens me basta:
nada mais quero — nem os prazeres
nem a sabedoria; nem companheiros
de festa, nem mulheres.

Basta-me o tédio, calmo, dos dias.

ENCRUZILHADA

Que quero?
A paz do círculo? A luz
dos astros?
A dúvida dos métodos? A cruz
de Cristo? Que Quero?

Que trato fiz comigo? O inimigo
foi convidado?

— Banquete? Bebedeira?

Silencioso encontro para meditar dentro do mato?
Que quero? Um nome farto
de glória? Um pacto
com a memória dos antepassados? Um mito?
Um telescópio mágico, mirando, à noite, o sonho
demolido?

Que faço? A rota dos tolos? A cama de cactus?
O verso cacofônico? O pânico? O lapso?
Que quero? Que faço?

Escultura de Mário Cravo Júnior

BRENO DE CASTRO

ÀS 3 E 35 DA MADRUGADA

Olho o fundo negro do relógio
não olho o céu
tenho medo
Por quanto tempo vou ficar ausente?
Porque ontem você foi diferente
isto é uma rima, não uma solução
Como eu adoro este tempo presente
A ida à lua, a descoberta do espaço,
os computadores, os senhores
que andam de gravata e paletó
É por isso, é por isso só
que se eu tomar hoje o túnel do tempo
vou escolher talvez este momento
E surgirei, desprotegido e só
diante de sua casa bem murada,
perguntando onde estou, que ano é esse
e que ritos praticam os amantes,
ainda são cavaleiros andantes?
Sobem ou descem
as escadas rolantes?

AYÊSKA PAULAFREITAS

CANTEIRO

Olha o canteiro:
sou eu,
plantada no teu caminho.

Dobra joelhos, te chega,
põe o dedo nesta folha.
Cuidado, toca leve:
a raiz é quase aérea.

Agora, com paciência,
observa os detalhes.
Sente e cheira.
Exalo?

Me canta uma cantiga
daquelas que têm história
(come o vento
pula a chuva
enxota o cão da rua
descalça a gente má)
e inventa um final feliz.

Canta agridoce
em tons de verde e fúcsia

ANTONIO SHORT

CANÇÃO DE TODA NOITE

Toda noite
tem colheita de amor
na safra da liberdade

GERALDO MAIA

CANTO DE RUA
CANTO QUE ATUA
NO CANTO DE CADA UM
CANTO DE RUA
O CANTO CONTINUA
A PRINCIPIAR
CANTO COMUM
CANTO QUE INAUGURA
O NOVO AEON
CANTAR CANTAR
VIDA QUE AVENTURA
SEU PRÓPRIO SOM

nossas mortes nossa gente
morrendo impunemente
prematura mortandade
sem notícia sem alarde
sem ter quem as denuncie
reconheça ou officie
um pouco de solidariedade

LARGADA

largo
as âncoras
ao súbito mar
sem lembranças
nem lenços
sequer um nome

para lá dos signos
risca o farol
a imagem clara
da noite

atraco
ao símbolo
do cais antigo
cheio de navios
vazios
chegando
de onde partimos

DARDOS

do sol vertical
ao meu dorso
dardos

chamejam
gotas longas
e quentes

me desmemoro
e mole
não consisto
nem disto
da memória
de ilusórias pontes

brilho
lenta
ao claro torpor
das lanças
às pontas
abandonada às espadas
cortando
a luz que emana

nós somos a geração de março
trazemos vendas nos passos
e fechaduras solitárias nos olhos

nós somos a geração de agora
não sabemos o dia que estamos
a mercê da nossa demora

eu a amei com todos os seus riscos
e os meus motivos

e me deixei cavalgar
por suas coxas profundas
pelas labaredas de seu ventre
pelos avisos de seus dedos

eu a amei com a calma dos fetos
ela me amou como a um deserto

insaciável foi seu cálice
furiosa sua unha
esculpindo sua senha
em meu sangue

Pintura de Cesar Romero

FLEGETON

Que inferno dorme em mim e me desperta
nesse leito de rio? Que suplicio
é nessa água o meu próprio vício
e suor e sangue - pinga na testa?

Vinho amargo que já bebi na terra
- não me livra do rio. Que artifício
armou-se contra mim na superfície
e segue na corrente submersa?

Teu curso é longo como é longo o tempo
que da porta de bronze escoia lento
e gira sobre os gonços seu desvio.

Um cão de três cabeças morde o vento
remorso a torturar os presos dentro
desse Tártaro que vomita o rio.

DESAFIO

Escrevo com silencioso espanto
Meus dedos possuem um sentimento comum:
Eles procuram as formas simples.

Minha ânsia e segredos repousam
em minhas mãos
— estoque de reflexos sentimentais —

Os mistérios foram sugados
e minha pena é minh'alma.
Quem poderá deter a vida
que corre em minhas mãos?

JOSÉ CARLOS LIMEIRA

REFLEXÃO

Noite passada,
passada em claro
me martelou a cabeça
uma questão de ordem
semântica.

Não será que quando
se diz "democracia racial"
na verdade se quer dizer
"hipocrisia social"?

IDENTIDADE

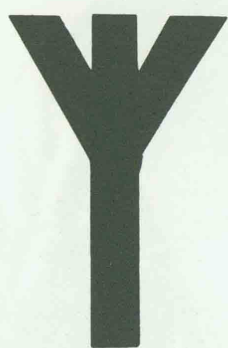
Houve um tempo em que
constava de sua carteira
o dado cor
na minha: pardaescuracabeloscarapinhados.

Diante do espelho, me pergunto
que faço com estes lábios grossos,
este nariz achatado?
Que faço com esta memória
de tantos grilhões,
destas crenças me lambendo as entranhas?

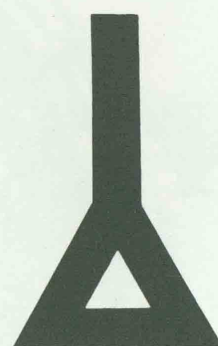
Será que não é demais não ter o direito
de ser negro?
Causa espanto?
Pardaescura é o aspecto que vocês deram
à nossa história.

Morra de susto!
Sou, vou sempre ser: NEGRO!
ENE, É, GÉ, ERRE, Ó.
Aqui, Ó!

AND/OR

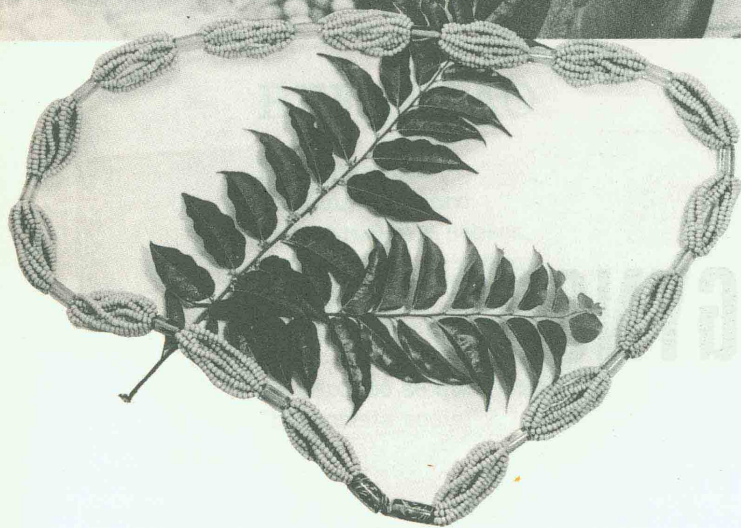
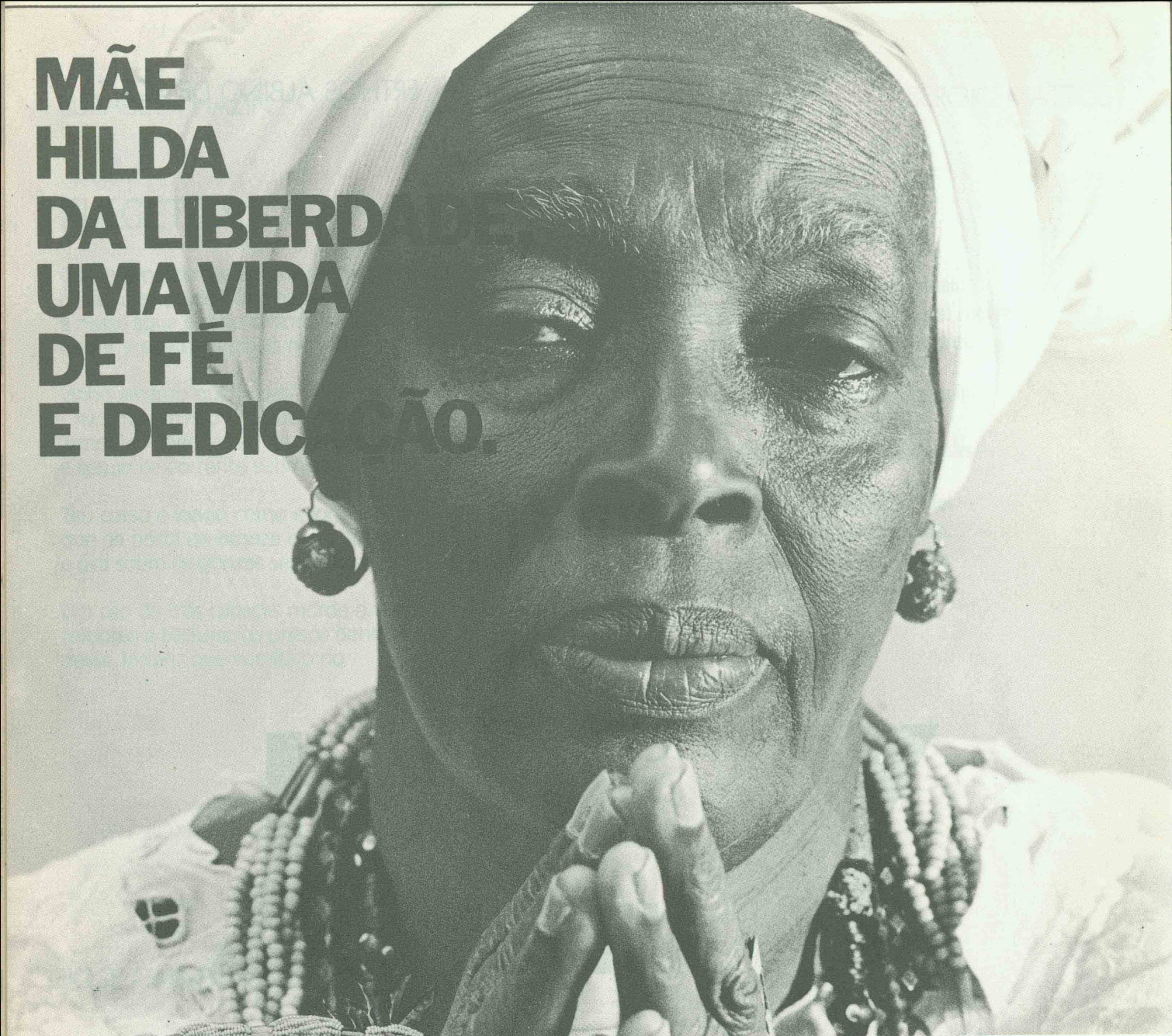


AND/OR



ANDROGYNOUS

MÃE HILDA DA LIBERDADE UMA VIDA DE FÉ E DEDICAÇÃO.



IDENTIDADE

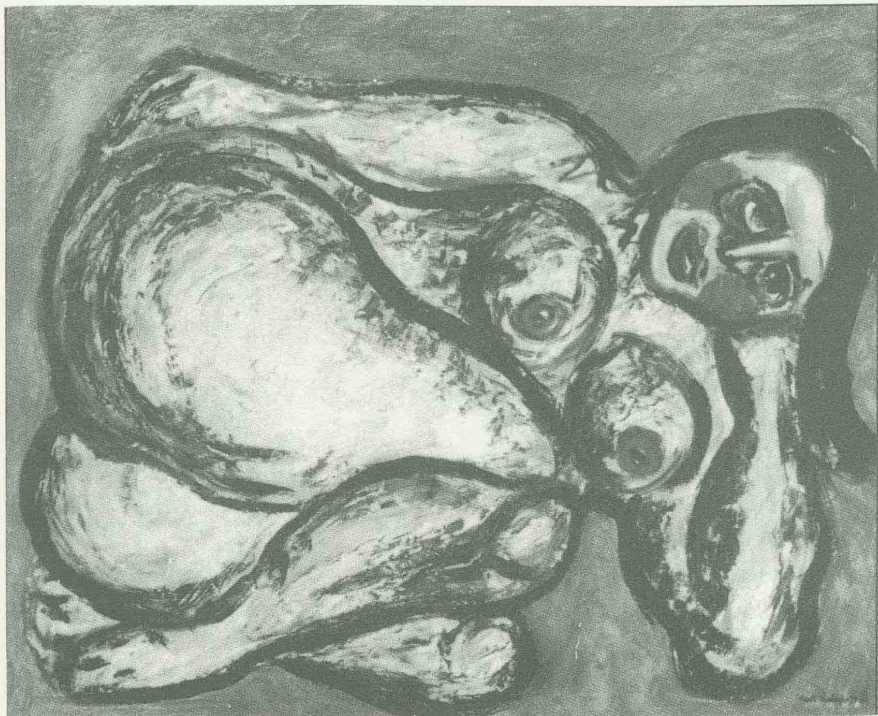
Olho gordo, espinhela caída, mau olhado e até mal de amor... Mãe Hilda sempre tem uma bênção, um banho de folha e uma oração pra tranquilizar o espírito e curar o corpo. Toda esta força é fruto de uma vida de fé e dedicação. É por isso que a Promédica a respeita tanto. Pois, embora tenham crenças diferentes, no fundo tanto a Promédica como Mãe Hilda dedicam suas existências à mesma causa: a preservação da saúde e do bem-estar do próximo.

E tudo que a Promédica é, hoje, também é resultado dessa dedicação à tudo aquilo em que acredita.

Mãe Hilda da Liberdade, Sauré!

Promédica

Rompendo a barreira do tempo



PANCHO GOMES

absolutamente desastrado
como sou
arranquei um termômetro
de parede
e tomando-o por caneta
fiz um poema pro mundo
falando de meu tempo:
pancadas mais que esparsas
estável nebulosidade.



Há uma trilha, não fui eu o primeiro
Eu mesmo alguma vez passei, siga-me

ANTÔNIO BRASILEIRO

AS CHAMAS PASSIONAIS

Eu sou o que sonhava as mil estrelas.
As mil estrelas no peito, uma paixão de fogo
a irromper do peito. Eu sou os sonhos
dos homens, sou as galáxias dos homens
que uma noite se reconheceram.
Não me tragam essas vidas sem assombros:
porque não há sossego.
As chamas passionais — como são fortes!
Aí, como são fortes!
Não, não esperem por mim — que vou morrer,
bebendo a luz da estrela Aldebarã
entre uma taça e outra
de agonias.

CORPOS

Dentro de mim as retas não se encontram.
Sou dois no deserto.
O que tem sede caminha para o outro.
O outro suicida-se num lago.
O maldito de mim que não se abate!

LUCIANA BASTIANELLI

CORPO

Um corpo estendido ao ar,
é simplesmente um corpo,
é um corpo à beira-mar.
Do peito pingam gotas de tribulação,
olhos esmaecem na liberdade,
lágrimas e chuva se confundem no palmar,
o sorriso culmina no poente da morte,
a boca transluz no silêncio do mar,
braços abertos indicam misericórdia,
mãos e pés sangram no ballet da dor;
de homem ou de mulher será?
É somente um corpo,
é um corpo à beira-mar.

CYRO DE MATTOS

DA ESTRADA

Eu que me sei
casco no calendário
temporal despenho
estrias no passo
atoleiro assombrão
no açoite mapa brabo
compartilho o empaco
de suor e solidão
quanto mais viajo

VIAGRÁRIA

(fragmento)

Em cada coisa que eu toco,
em cada voz que eu escuto,
em cada sombra que eu adivinho,
há o gesto longínquo
de um certo pássaro presente
que canta a meu ouvido
e invisível ganha o silêncio.

AFFONSO MANTA

POÉTICA

Eu falo mais de mim ao escrever.
Falo sempre o que me dá na veneta.
Eu falo mais de mim, mas nunca achei
Que o meu umbigo é o centro do planeta.

Eu falo mais de mim, porquanto eu sou
O único homem que conheço bem.
Outros que falem sobre as multidões.
Falar das multidões não me convém.

Homens aglomerados são maçãs
Que os ditadores gostam de comer.
E as classes sociais são dentaduras
Que mordem satisfeitas de morder.

Conheço mal essas questões do mundo
E o pouco que conheço me entedia.
Eu falo do que entendo: minha vida,
Meus sonhos, minha dor, minha alegria.

FALEMOS DE OUTRAS COISAS MAIS REAIS...

Falemos de outras coisas mais reais.
Da paisagem, da aurora sobre o cais.
Dos assuntos que não ferem ninguém,
Como as nuvens no céu de fevereiro,
A bonequinha que descomia dinheiro,
O burrinho na estrada de Belém...

Falemos do que é breve e passageiro
E também do que é eterno e infinito.
Falemos de algo que seja bonito,
Pois tudo o que é bonito é verdadeiro.

(detalhe)

Pintura de Bel Borba

DIDÁTICA

A palavra
no escuro é - lâmina -.
A palavra
no claro é - girassol -.

Na sombra
a palavra
é ócio.

No sol
a palavra
é ódio.

A palavra
no pasto é - fera -.
A palavra
na lavra é - flora -.

No favo
a palavra
é gula.

Na fauna
a palavra
é fúria.

POÉTICA

Recolher as impuras
sombras, confinadas,
no musgo sujo do mofo.

Ensinar aos imóveis
ventres, relvados,
a arquitetura viscosa.

Esconder dos girassóis,
maduros, despertados,
o limo dos pântanos.

Revelar as metáforas
litorâneas, magoadas,
o marulho das pontes.

POEMA

*Virá a flor do vento
germinar o tempo.
Virá a flor do amor
fertilizar a dor.
E eu irei chorar pelos caminhos,
só,
estéril no tempo
e no vento,
preenhe de dor
e de amor.*

ORIGEM

*Eu vim do musgo
para o clarão de todas as esferas.
Sou astro e relâmpago,
água e flor.
Caminharei nas ondas feito espuma,
serei pó de estrelas
e vento sobre o mar.
Serei alga e musgo outra vez.*



Escultura de Tati Moreno

NR

GALERIA
DE ARTE

Shopping Center Iguatemi, Praça Jovem, 3º Piso, Loja 28, Tel.: (071) 358-2090 • Salvador • Bahia



"TRÊS MENINAS CONVERSANDO"
acrílica sobre tela, 40x40cm, 1988

FLORIANO TEIXEIRA

Atelier: Rua Ilhéus, nº 288 (33) Rio Vermelho • Salvador • BA • Tel.: (071) 247-1499

LUIZ GALVÃO

DO ASTERÓIDE SONHOS

A Caetano Veloso

Enquanto um pássaro voa
um outro pausa.
Deus ama a todos
mas curte mais
quem ousa

Renovar é o viver da cor
trazendo o som
do asteróide sonhos
dando azo às tonalidades
alegres e suaves
para cantar como pássaros
e voar como naves

NÃO CONTRARIE A LEI DA LEI

Se chegar chinês
lhe acolho numa boa
mas se vier inglês
na hora marcada
pagando à vista
assim nem tinto
nem rosê
eu desconfio logo de você.

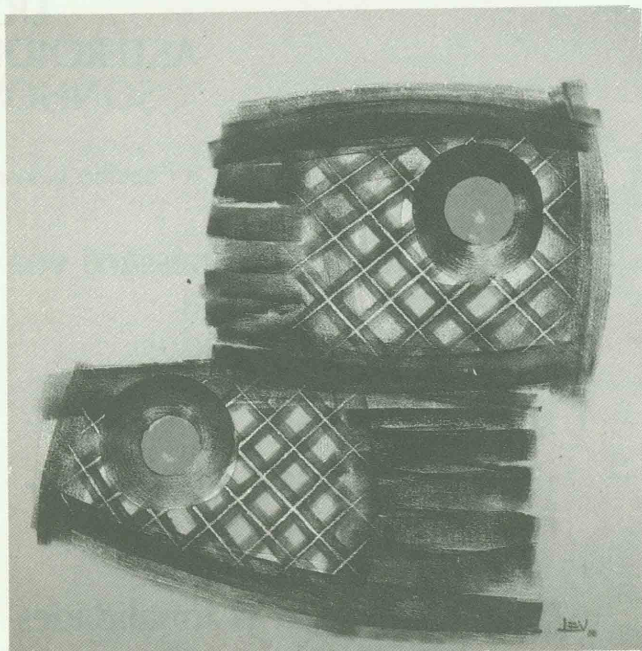
PLÍNIO AGUIAR

SISTEMA

(ex)tensa teia
código
mais bem tra(n)çado
(ex)tenso mundo
paredemeia

a aranha pensa
e devora

(detalhe)
Pintura de Jader Resende



Pintura de Lev Smarcevski

ESPELHO

CÔNCAVO

Quero tudo que não tenho,
porque nunca o terei.
Desejo a rainha do sonho
na cama do próprio rei.

O que tenho está perdido
entre o nada que ganhei
do outro lado, o do não tido,
onde existe o que inventei.

Não quero aquilo que quero:
o objeto é só o querer.
Não amamos quem amamos
mas o amor, modo de ser.

EIXO

o homem é por si mesmo
sem outro metro qualquer
justa medida do homem

terra pedra ou tecido
pedem medida estranha
de convenção relativa

múltiplo e absoluto
o homem é simultâneo
lâmina corte medida

MARIA ANTÔNIA RAMOS COUTINHO

A CASA

Meus pés estão plantados nesta casa
que antes eu renegava
minhas palmas pregadas nestes portais
que antes abjurava.

Escolhi ser escrava desta casa
pesada construção
minhas vibrações estalam as vidraças
palmilham pedras este chão.

Um impulso apenas — o da posse
forte foice que me cortou em postas
e das postas fez os troféus
que ornaram as paredes desta casa.

O SOM DOS CAVALOS SELVAGENS

Dentro da noite
e pelo dia
um eco surdo
de ventania

Sobe a montanha
transpõe o vale
a fúria avança
a sombra invade

Marca no tempo
finas esporas
um catavento
no fio das horas

Patas de ferro
porta fuzis
deixa no vento
a cicatriz

Dentes de faca
olhos de fogo
cuspindo raiva
do próprio rosto

Destrói cidades
e espanca a luz
por onde passa
finca uma cruz

Tempo de guerra,
este é meu tempo
cavalos de ódio
no pensamento.

PAULO GARCEZ DE SENNA

MANIFESTO AOS AMANTES

vou jogar meu lirismo num poço
e vou pensar nos que se matam
bebendo formicida nos matagais de brotas
onde a amante capou o amante com uma navalha
e foi absolvida por um austero juiz togado
que bateu o martelo no meio da mesa
como quem prega um prego e no outro dia
os jornais estamparam o amante capado
na relva ensanguentado
e os amantes de formicida e navalha
tiveram mais medo
e compraram mais jornais

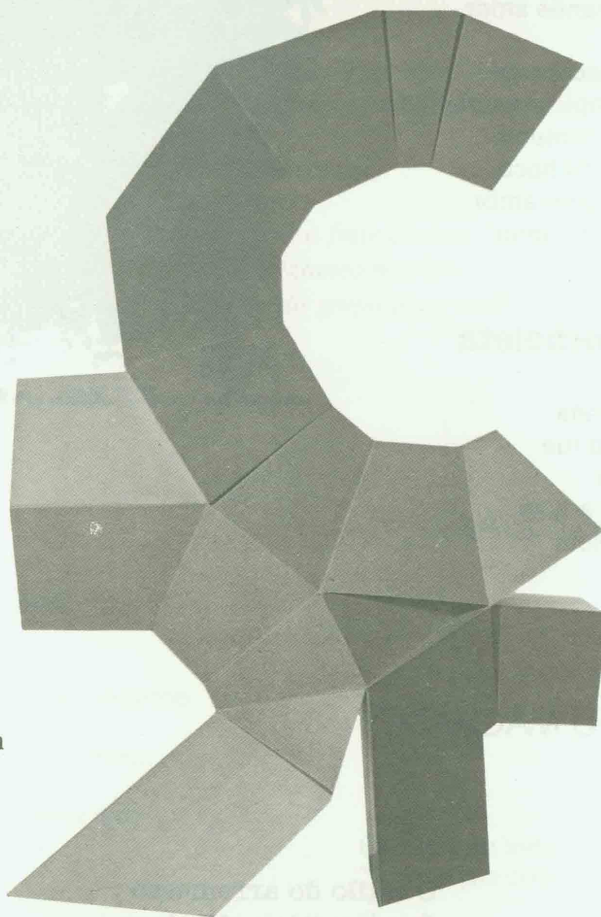
ZUMBI É SENHOR DOS CAMINHOS

resgatar tua presença
tua firmeza de propósito
de amor e liberdade
pela raça

caminhar na tua ausência
fazendo dos passos
de todos os pés
a certeza de todos os encontros

alcançar teu objetivo
por essa mesma terra
que de ti apoderaram
mas que te permanece fiel
nos objetos, marcas, caminhos
de suas entranhas

retomar toda história
de todos os fatos
contar todas as verdades
para todas as idades
do teu mito que
para sempre se refaz em
liberdade, liberdade, liberdade



Escultura de Emanuel Araújo

CAETANO VELOSO

canto do povo de um lugar

todo dia
o sol levanta
e a gente canta
ao sol de todo dia

fim da tarde
a terra cora
e a gente chora
porque finda a tarde

quando a noite
a lua mansa
e a gente dança
venerando a noite

jóia

beira de mar beira de mar
beira de maré na américa do sul
um selvagem levanta o braço
abre a mão e tira um caju
um momento de grande amor
de grande amor

copacabana copacabana
louca total e completamente louca
a menina muito contente
toca a coca-cola na boca
um momento e puro amor
de puro amor

a grande borboleta

a grande borboleta
leve numa asa a lua
e o sol na outra
e entre as duas a seta
a grande borboleta
seja completa-
mente solta.

ROBERTO BÉU MACHADO

O estilo do arremesso
fica a critério do alvo



Sintético em mil páginas.
Prolixo em uma palavra.

Provisório

Cada coisa com seu jeito
de ser qualquer coisa
antes de definitivamente ser.

Cada coisa com seu jeito
de ver qualquer coisa
antes de definitivamente ver.

Vou ser qualquer coisa,
ver qualquer coisa
pra ver como sou.

quarenta e oito a cinquenta e seis

*venho ficando simples com o passar dos dias
nos anos então
muita simplicidade*

*é-me difícil hoje citar homero:
— ulisses, filho do laerte, o saqueador de cidades — murmúro baixo
quando enfrento algum motorista de táxi doido de fumo
ouvindo reggae
último volume do rádio*

*nietzsche cito menos ainda:
— o caos absoluto para avistar se a estrela luminosa — sai entre dentes
às seis da manhã de um domingo
fechando o bar com toda a filosofia que me é possível*

*schopenhauer grito aos garçons em alemão
pós serviço punk por eles oferecidos
aos clientes do espaço
e como eles nada entendem — nada disse*

mas kant eu nem penso mais

*prefiro
venho preferindo
e gosto de preferir
as frases apanhadas nas ruas deste bar que frequento
das terças aos domingos invariavelmente*

sangue esporrido das veias

*e como não preferir a frase gloriosa
do chefe do grupo craneo metálico
estocada ao chefe do grupo íris vermelha:*

Desenho de Sérgio Rabinovitz

CLAUDIUS PORTUGAL

AMOR, AMAR

*não ser projeto
bastante ser apenas desenho
não ser desenho
bastante ser apenas traço
não ser traço
bastante ser apenas risco*

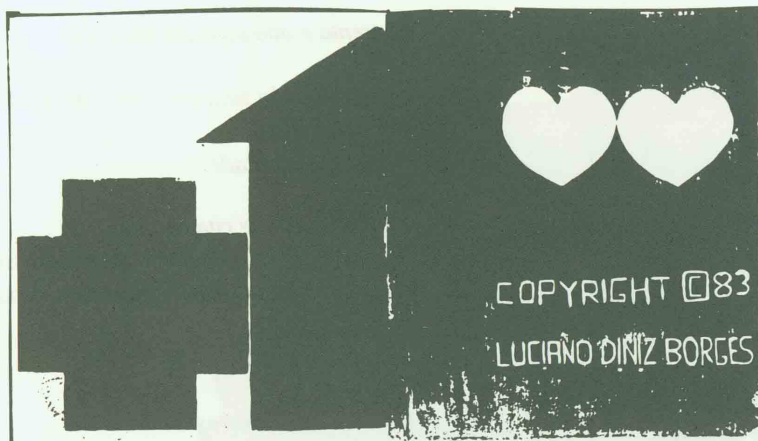
Ano Novo

*A fruteira assiste
ainda esperando descascar
mas já passadas de maduras
apodrecer toda família*

DECLARAÇÃO

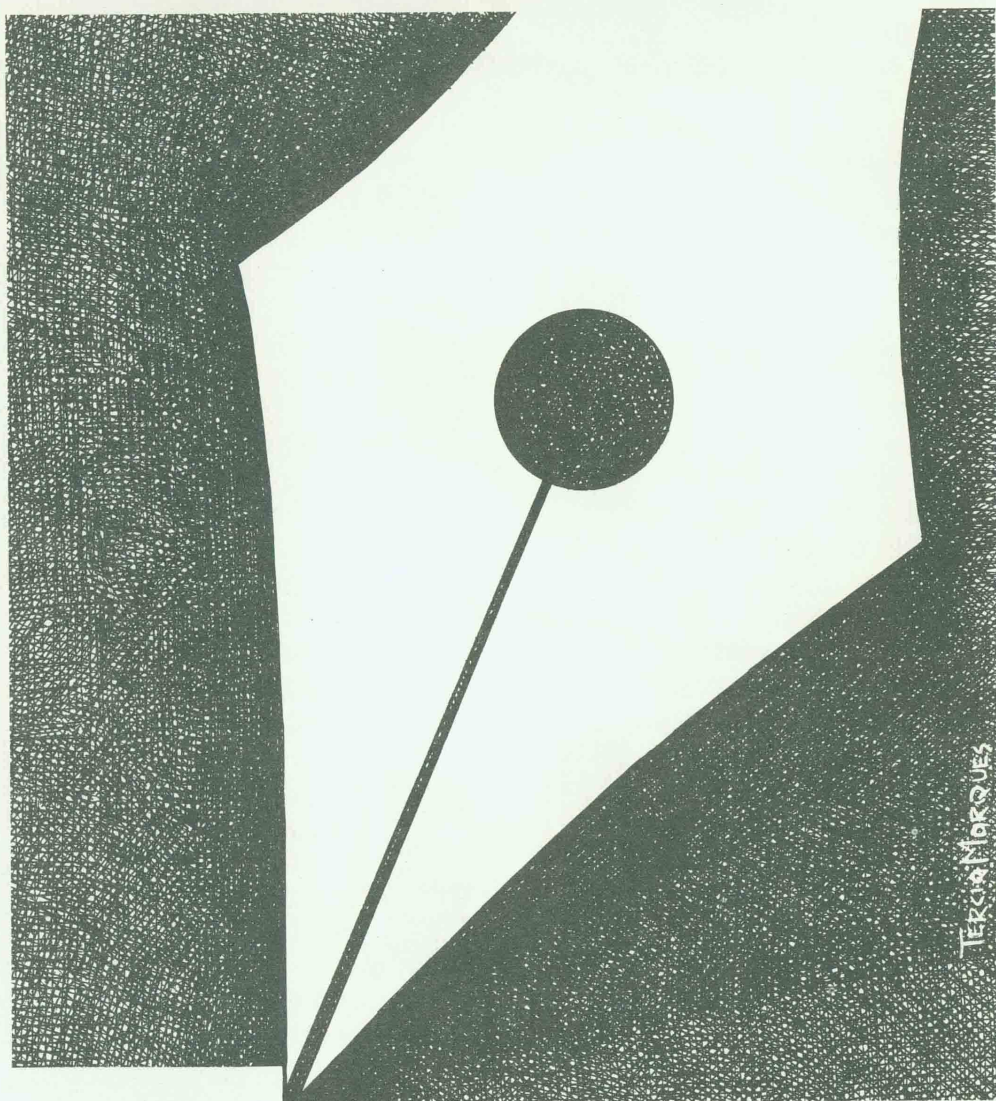
*Estou na festa
mas pra contrariar a dança*

*Entre a lucidez
e o desvario
Assovio*



ar
arma
contra
morte
amor arr

VALE A PENA.



NOSSA HOMENAGEM A QUEM, EM POUCAS
PALAVRAS, NOS MOSTRA O VALOR DA VIDA, A
RIQUEZA DA ALMA E A FORÇA
DOS SENTIMENTOS.

NOSSA HOMENAGEM AOS POETAS DA BAHIA.
PARABÉNS A QUEM FAZ DISSO
TUDO UMA REALIDADE.
PARABÉNS, REVISTA EXU.

40 ANOS DE POESIA DA BAHIA.
TRÊS ANOS DA REVISTA EXU.

Bigraf | Grafos | Fotocomp

*escreve
com letra
maiúscula
o nome de
quem acredita
na força
da palavra
e
ainda mais
numa Casa
de Palavras*

BANCO ECONOMICO S.A.
BRADESCO
FUNDAÇÃO CULTURAL NESTLÉ
DMEVAL DA COSTA CHAVES E CIA LTDA.
NACIONAL QUATEMI EMPREENDIMENTOS S.A.
JEAN LUC GARDÈRE

CONSTRUTORA ROBERTO ODEBRECHT S.A.
COMPANHIA BRASILEIRA DE ALUMÍNIO
GRUPO VOTARAM
CONSÓRCIO AMARAL DE MENDONÇA SUAREZ
EDITORA RECORD
TRANSQUARDA
NITROCARBONO
CONSTRUTORA RIBEIRO JÚNIOR
SINDICATO DA INDÚSTRIA PETROQUÍMICA
E RESINAS SINTÉTICAS NO ESTADO DA BAHIA
SINPER
CONSTRUTORA GRADE GUTIERREZ S.A.
FUNDAÇÃO AMARAL DO BRASIL

homenagem da EXU
aos que são (ou foram)
manenedores da
Fundação Casa de Jorge Amado.



Fundação
Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, s/nº ■ Salvador ■ Bahia ■ Brasil
Tel.: 321-0070 ■ CEP 40.025

SE FOR
DE PAZ,
PODE
ENTRAR.

POR UMA CIDADE MELHOR PARA TODOS NÓS.

Estamos chegando ao fim de mais um ano na vida de cada um de nós e na vida da nossa cidade. Quero aproveitar a oportunidade para conversar um pouco com vocês. 1990, assim como 89, foi um ano muito difícil para a cidade e para os seus cidadãos. Nós, aqui na Prefeitura, trabalhamos duro para melhorar a qualidade de vida em Salvador. Vocês certamente estão lembrados de 89, das dificuldades que enfrentamos logo no primeiro ano de administração, da herança pesada que recebemos da gestão anterior: uma Prefeitura sucateada, em estado de absoluto caos administrativo e financeiro. Herdamos as consequências da irresponsabilidade na aplicação dos recursos públicos que praticamente inviabilizaram a nossa administração.

Além de tudo isso, enfrentamos nove meses de chuvas torrenciais no nosso primeiro ano de trabalho, com uma Prefeitura rigorosamente sem recursos. Mesmo as verbas emergenciais solicitadas ao Governo Federal demoraram mais de um ano para serem repassadas e a maioria delas sequer chegou. Apesar desse quadro, a Prefeitura não se limitou a lamentar. Este ano trabalhamos intensamente para reverter a situação, agindo sempre na defesa dos interesses da população.

Rescindimos os contratos ilegais e imorais, lutamos e continuamos lutando na justiça e no Banco Central contra os seqüestros, implantamos uma política de moralização e austeridade nos gastos públicos. Revigoramos a Codecon que passou a ser realmente um instrumento eficaz de defesa do consumidor. Iniciamos obras por toda a parte, beneficiando sempre as camadas mais pobres da população, para quem a atual administração dirige prioritariamente os seus trabalhos, de modo que, com todo esse quadro difícil, foi possível fazer muita coisa. Fizemos obras de grande porte na periferia da cidade, como a urbanização do Calabetão e do Alto do Arraial do Retiro, o recapeamento da Avenida San Martin, a urbanização do Bariri de Cima e do Alto da Boa Vista do Lobato.

Recuperamos o Terminal da Lapa, a Praça da Piedade, a Estação de Transbordo do Terminal Rodoviário, o Campo Grande, o Largo dos Aflitos. Construímos a escola do Calabetão e a ligação rodoviária Suburbana-Campinas do Pirajá.

Recuperamos 33 escolas municipais e postos de saúde do município. Fizemos um importante trabalho preventivo de desobstrução de canais de drenagem em toda a cidade, evitando que as chuvas desse ano trouxessem novas tragédias. Reformamos e ampliamos o antigo hospital do servidor, criando um novo e equipado centro médico. Demos seqüência às obras do Sistema de Transporte Urbano, entregando quatro quilômetros de novas vias exclusivas, concluindo três viadutos e diversas passarelas. Construímos a nova feira da rampa do Mercado Modelo e o novo mercado de Itapoã, reestabelecendo o sistema de abastecimento daquele bairro, distribuímos mais de dois mil títulos de terra. Fizemos a reforma completa do plano inclinado Liberdade-Calçada e renovamos 40 por cento da frota de transporte coletivo, incorporando mais de 600 novos ônibus.

Melhoramos significativamente o serviço de limpeza pública, recuperando e ampliando os equipamentos da Limpurb. Temos praticado uma política firme de conferir um tratamento digno aos servidores municipais, aos pensionistas e aposentados da Prefeitura, saneando financeiramente e dando eficiência ao Instituto de Previdência de Salvador — O IPS. Enfim, estamos trabalhando sério e sem descanso para reverter a situação de abandono em que se encontrava a cidade.

Não pudemos fazer tudo o que queríamos, tudo o que a cidade precisa e merece. Mas fizemos muito e faremos ainda mais. Temos certeza de que o ano de 91, apesar das dificuldades que atingem a economia brasileira, será para nós de Salvador, um ano de trabalho e realizações, de recuperação cada vez maior da nossa cidade.

Teremos, podem estar certos disso, um futuro melhor do que o presente e muito, mas muito melhor do que o passado recente. É o que Salvador precisa. É o que o povo merece. É o que todos nós desejamos. Um Ano Novo próspero e proveitoso, pleno de bem estar para todos os cidadãos.



FERNANDO JOSÉ
PREFEITO



SALVADOR
PREFEITURA MUNICIPAL

A COPENE ESTÁ CONTRIBUINDO PARA A EXTINÇÃO DE UMA ESPÉCIE.

Para salvar milhares de filhotes de tartarugas-marinhas nos últimos 10 anos, o Projeto Tamar contou com a ajuda da mais antiga das espécies: o predador. Com o apoio

de empresas como a Copene, e através

de um extenso programa de

educação ambiental e conscienci-

zação das comunidades litorâneas,

o Projeto conseguiu o que parecia impossível:

transformar predadores de ovos e fêmeas nos mais moti-

vados defensores da vida das tartarugas. Para

tanto, foram utilizados os conhecimen-

tos práticos dessas comunidades que,

sabendo a localização dos ninhos, passa-

ram a transportar os ovos para os cercados protegidos

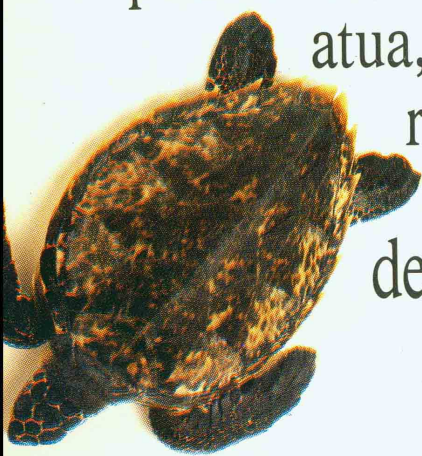
pelo Tamar. Hoje, pelo menos nas áreas onde o Tamar

atua, este inimigo mortal das tarta-

rugos é uma espécie em extin-

ção. E a Copene orgulha-se

de contribuir para isto.



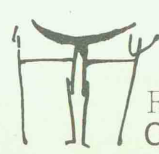
SEJA PERSONAGEM
DESTE ROMANCE

A PAIXÃO PELA CULTURA

E ESTA HISTÓRIA
SÓ PODE TER
UM FINAL
FELIZ

COLOQUE SUA MARCA
JUNTO COM A NOSSA

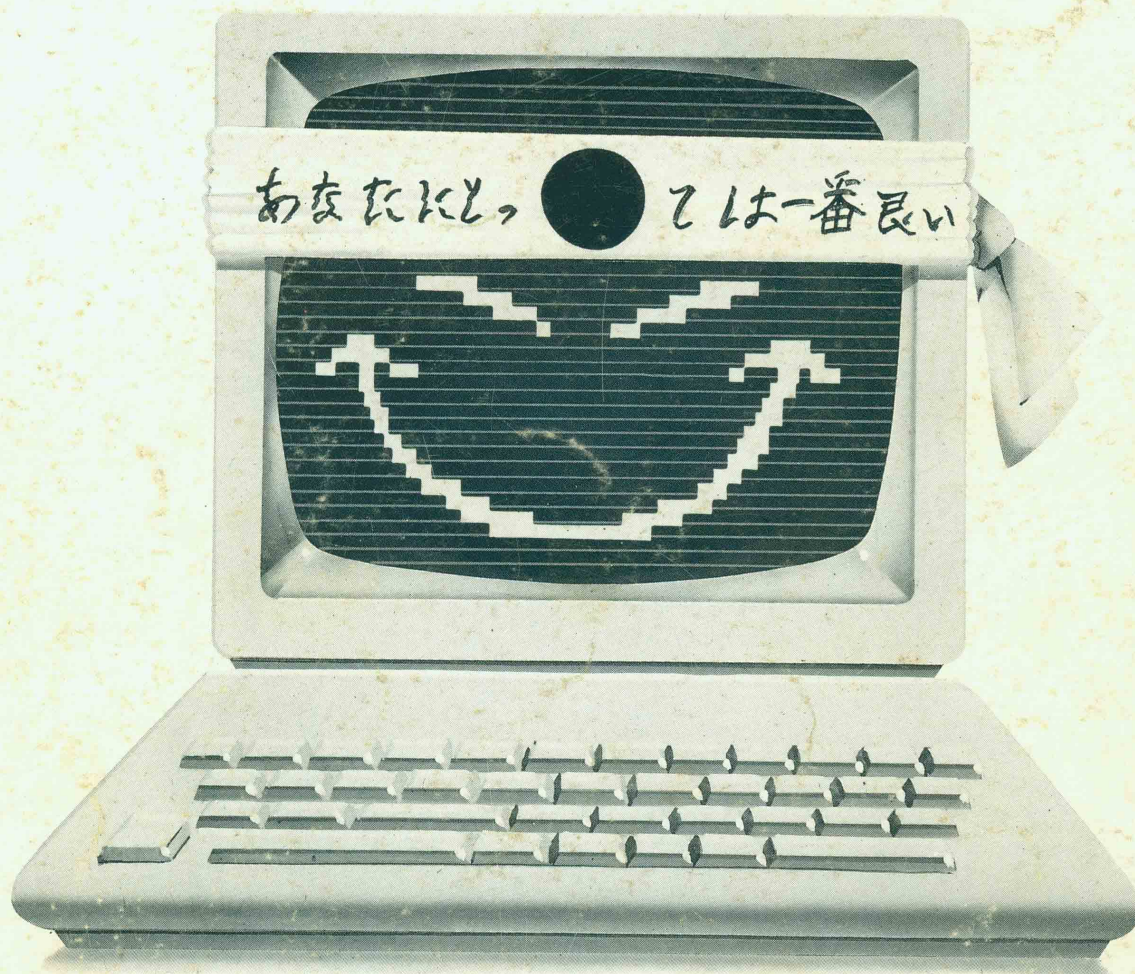


 Fundação
Casa de Jorge Amado

SE FOR
DE PAZ,
PODE
ENTRAR.

homenagem da EXU aos seus anunciantes
nestes três anos de publicação

Sistema Avançado de Cobrança Econômico.



PROTEG

Eficiência 4 gerações à frente.

O Econômico desenvolveu, e coloca à disposição da sua empresa, o mais avançado sistema de cobrança financeira do país.

Um sistema integrado de multiprocessamento de informações, interligado por uma rede "on-line" com as agências do Econômico. Com o Sistema Avançado de Cobrança Econômico, você tem o mais eficiente controle da posição da sua carteira de cobrança.

E conta com uma equipe de gerentes especializada em cobrança para lhe dar um atendimento personalizado, orientar sobre as diversas alternativas de operação e sobre a que

melhor atende às necessidades da sua empresa: Cobrança Direta, Escritural, Rápida, Automática e Simples.

Seja qual for a necessidade da sua empresa, seja Econômico. Você também vai estar 4 gerações à frente.



ECONOMICO

Seja Econômico. O melhor pra você.



Foto: José Carlos Almeida

REVISTA 18

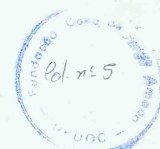
"O que eu quero exatamente, é que essa Casa seja uma Casa do Povo da Bahia, porque a homenagem não é a mim, a homenagem é do Povo da Bahia, a quem devo tudo quanto pude fazer; toda a minha criação, ela nasce e decorre do que eu aprendi com o povo baiano".

Jorge Amado



Fundação
Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, ■ Salvador ■ Bahia ■ Brasil
Tel.: 321-0070 ■ CEP 40.025



Com a sua ata de constituição assinada no dia 2 de julho de 1986, a Casa de Jorge Amado, idealizada e instituída com a finalidade de preservar e divulgar o trabalho do escritor Jorge Amado e por extensão, a arte e a cultura baiana em todas suas manifestações, é mantida pela Fundação que leva o mesmo nome e abriga em seus quatro andares, uma exposição permanente do acervo do escritor, constituída de várias edições de seus livros, as traduções em 60 países e 48 idiomas, extensa coleção de fotografias, filmes, vídeos, cartazes e objetos relacionados ou inspirados no autor ou em sua obra, além de arquivos contendo cartas e documentos, que ficam à disposição de pesquisadores e estudiosos.

Funcionando no Centro Histórico da Cidade do Salvador, em prédio tombado pelo Patrimônio Histórico, a Fundação Casa de Jorge Amado é uma instituição de caráter privado que estabelece para o seu funcionamento assinatura de convênios com órgãos governamentais e entidades privadas da Bahia e de qualquer outro lugar, desde que haja interesse para as partes.

Formalmente tem uma estrutura bastante simplificada concebida de maneira a agilizar os procedimentos administrativos. Estatutariamente é dirigida por um Presidente, um Diretor Executivo, um Conselho Curador e um Conselho Fiscal.

Os propósitos finais da Casa de Jorge Amado são:

- I Criar um Centro Modelar de Estudos, Documentação e Produção de Literatura baiana, em particular a de Jorge Amado, propiciando em âmbito Nacional e Internacional o acesso à pesquisa e conhecimento da Cultura e Literatura;
- II Prestigiar e promover a atividade profissional do escritor;
- III Difundir a Obra Literária como um Bem Cultural, ponto de referência da Identidade Cultural de um povo;
- IV Lutar pelo reconhecimento e valorização da Pluralidade Cultural Brasileira;
- V Estabelecer intercâmbio e Cooperação Internacional;
- VI Participar do processo de valorização e desenvolvimento sócio-cultural do Centro Histórico de Salvador — Pelourinho;
- VII Servir de elemento catalizador e irradiador de ações culturais na cidade do Salvador, difundindo informações, promovendo eventos e realizando publicações.

Através de suas ações culturais, além do público em geral, visa atender as seguintes categorias de público, a nível local, nacional e internacional:

- Escritores, Intelectuais e Artistas
- Pesquisadores e Especialistas em Literatura e Ciências Humanas
- Professores de Literatura
- Estudantes de Letras e Ciências Humanas
- Professores de Português do ensino do 1º e 2º Grau
- Estudante do 1º e 2º Grau
- População do Centro Histórico do Pelourinho
- Comunidade em geral/

— Associados de Entidades Recreativas, Culturais e Comunitárias/

— População infanto-juvenil

• Turistas em visita a Salvador

Portanto,

a Casa tem um destino traçado desde o início. Uma Casa de Letras, uma oficina de palavras. A literatura é o centro, mas, além dos aspectos literários, abrange outras áreas de cursos, palestras, seminários, lançamentos e exposições. Além disto, a Casa espera estar sendo uma contribuição importante para a revitalização do Centro Histórico de Salvador, por sua atuação na área e sua integração às entidades culturais já existentes.

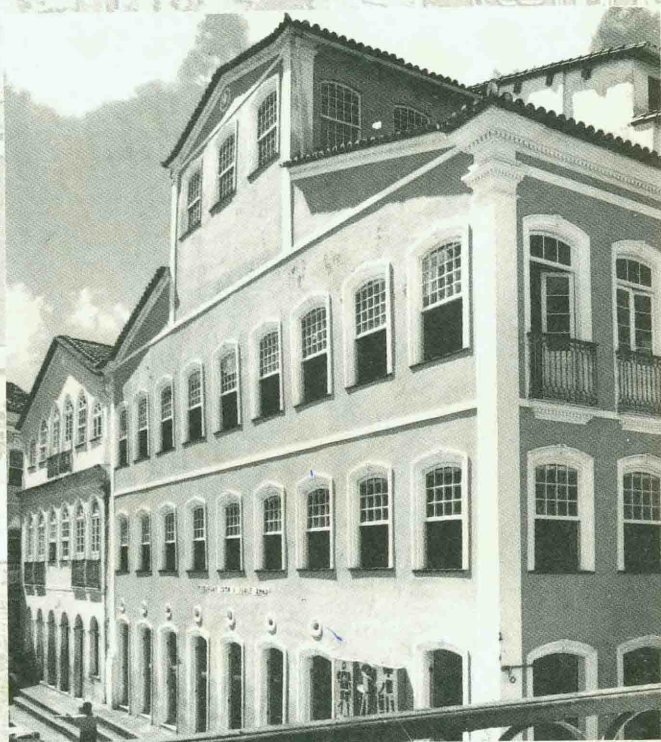


Foto: Walmir Pinheiro

UMA CASA DE SE FOR DE PAZ

La Fondation “Casa de Jorge Amado” crée le 02 de juillet 1986, est dotée de la personnalité juridique avec siège à Salvador-Bahia.

La Fondation a été idéalisée et instituée ayant comme objectifs de préserver, étudier et diffuser l'oeuvre du romancier, ainsi que l'art et la culture de Bahia dans toutes ses manifestations.

Pour accomplir ces buts, la Fondation organise des cours, des conférences, des séminaires, des débats, des expositions, etc, et une ligne d'édition chargée de la publication de la revue “EXU” et la collection “Casa de Palavras”.

Etablie en tant qu'institution privée, sans buts lucratifs, la Fondation Casa de Jorge Amado a ses avoirs provenant de dons et legs de personnes physiques et d'entreprises de nationalité brésilienne ou étrangères; revenus

With the signing of its founding constitution on the Second of July of 1986, the Jorge Amado House was created. It was idealized and instituted with the goal of preserving and divulging the works of the writer Jorge Amado, and by extension, Bahian art and culture in all its manifestations. The House is maintained by the Foundation that bears the same name. Permanently displayed on the first of four stories that make up the Jorge Amado House are the complete works of the author, comprising various editions of his books, including those published in sixty countries and forty-eight languages, an extensive collection of photographs, films, videos, posters and objects related to or inspired by the author or characters made famous through his works. Archives containing letters and documents are available to students and researchers.

The Jorge Amado House is a colonial mansion declared a national monument located in Salvador, Bahia's Historic District. It was donated by the State Government and restored by the Federal University of Bahia.

Being a private nonprofit organization, without direct funding from the Municipal, State or Federal Government, the financial support of the Jorge Amado House depends upon agreements with governmental agencies, donations, and sponsorship by interested private entities, be they local, national or international.

The formal structure of the Foundation is intentionally simplified in order to facilitate its administrative procedures. Under its statutes, it is headed by a President, a Curating Council and a Financial Council. The President, elected by a majority vote of the Curating Council, is empowered to nominate the Executive Director and the principal coordinator of the Foundation's activities and works.

E PALAVRAS: PODE ENTRAR

résultant de la gestion de ces avoir. Ces dons et legs peuvent être en espèce, sous forme de biens meubles et immeubles, d'oeuvres d'art, etc.

Dotée d'une structure très simple, la Fondation est dirigée par un Président, un Conseil, une Direction Executive et un Conseil de Contrôle élus pour une durée de trois ans.

Son siège est au Centre Historique de Salvador à la place du Pelourinho, dans un immeuble colonial du XIXe siècle, classé patrimoine architectural mondial par L'Unesco. La maison abrite, dans ses trois étages, une exposition permanente de l'oeuvre de Jorge Amado constituée de plusieurs éditions de ses romans, avec les traductions en 60 pays et 48 idiomes; une grande collection de photographies, films, vidéos, affiches, objets d'art, ainsi que ses archives personnelles et documents, ouverts à tous les intéressés.

The fundamental aims of the Jorge Amado House are:

- I To create a Model Center of Studies, Documentation and Production of Bahian Literature, particularly that of Jorge Amado, making available at a national and international level access to research of culture and literature;
- II To give prestige and promotion to the professional activities of the writer;
- III To promote the literary work as a cultural worth, a point of reference for the cultural identity of a people;
- IV To fight for the recognition and the importance of Brazilian cultural plurality;
- V To establish international cooperation exchange;
- VI To participate in the socio-cultural growth and development of Salvador's Historic District — Pelourinho;
- VII To serve as a catalyst and disseminator of cultural actions in the city of Salvador, divulging information, promoting events and backing publications.

As well attending to the general public, the Jorge Amado House, through its cultural actions, aims to serve the following special categories at a local, national and international level:

- Writers, Intellectuals and Artists
- Researchers and Specialists in Literature and the Humanities
- Literature Professors
- Language and Literature Students
- Elementary and Secondary Portuguese Teachers
- Elementary and Secondary Students
- Population of the Pelourinho Historic District
 - Community
 - Recreational, Cultural and Community Associations
 - Infanto-juvenile Population
- Tourists visiting Salvador

In sum, the Jorge Amado House has its destiny defined since its inception. It is a house of letters, a workshop of words. Literature is its core, but aside from its literary aspects, it encompasses other areas in the form of courses, lectures, seminars, inaugurations and expositions. The House also hopes to be an important contribution to the revitalization of Salvador's Historic District through the activities it brings to this area and its integration with the District's existing cultural entities.



Fundação
Casa de Jorge Amado

Largo do Pelourinho, ■ Salvador ■ Bahia ■ Brasil
Tel.: 321-0070 ■ CEP 40.025